

PAULO SOUTO

**ANZOIS
DA
ALMA**

O DEVER DO PERDÃO

2016

INDICE

INTRODUÇÃO: P. 6

CAPITULO I- A IMPORTÂNCIA DO PERDÃO: P. 8

CAPITULO II- PERDÃO: RESTAURAÇÃO E RECONCILIAÇÃO: P. 11

CAPITULO III- FÉ COM VIDA ABUNDANTE: P. 14

CAPITULO IV- VIDA COM COMPROMISSO: P. 16

CAPITULO V-PERDOAR, FÁCIL OU DIFÍCIL: P. 17

CAPITULO VI- AS CONSEQUÊNCIAS DA RETENÇÃO DO PERDÃO: P. 19

CAPITULO VII- PERDÃO QUE LIBERTA: P. 22

CAPITULO VIII-ENSINANDO A PERDOAR: P. 25

CAPITULO IX- PERDÃO, UMA DRACMA PERDIDA: P. 28

CAPITULO X- EM DEFESA DA SÃ DOUTRINA: P. 32

CAPITULO XI- JESUS O VERBO: P. 38

**CAPITULO XII- PERDÃO NOS DÍZIMOS E
OFERTAS:P. 40**

**CAPITULO XIII- A FORÇA DO METAL E O
PODER DO PERDÃO:P. 43**

**CAPITULO XIV- RESPONSABILIDADE PRODUZ
QUALIDADE:P. 48**

CAPITULO XV- O AMOR QUE LIBERTA: P. 52

CAPITULO XVI-PERDÃO E CORREÇÃO: P. 56

**CAPITULO XVII- A BATALHA DE TODO CRENTE:
P. 59**

CAPITULO XVIII- ANZOIS DA ALMA:P. 62

CAPITULO XIX- O REMEDIO PERDÃO: P. 67

CONCLUSÃO P. 69

APRESENTAÇÃO DO LIVRO

A obra “Anzóis da Alma” é de leitura ágil, leve e objetiva, com enfoque profundo da verdade cristã relacionada ao ato do perdão. Com pinceladas líricas o autor usou as figuras de uma borboleta e de um anzol para demonstrar a ânsia de seu espírito em ver gerada, no íntimo de cada ser humano, a verdadeira liberdade através dos atos de dar e receber perdão.

O subjetivismo poético do autor não comprometeu o tom provocativo da mensagem para um despertar urgente que traga a Igreja Cristã de volta às raízes do “Evangelismo Puro e Simples”. Em cada página do livro, se destaca de seu pano de fundo, a importância do perdão para a cura e libertação dos que creem a Jesus Cristo como Senhor e Salvador de suas vidas.

Sendo o anzol de pesca usado como artefato que busca tomar de assalto a liberdade dos peixes para a morte, conforme palavras do próprio autor, no entanto, todo o conjunto da obra tem como objetivo principal despertar a alma humana e atraí-la para uma nova vida de Paz em Cristo Jesus, onde aquele que crê pode usufruir da liberdade do Espírito Santo, em amor.

Leitura altamente recomendada para leigos, mas, acima de tudo, para pastores e líderes da atualidade.

(irmã Cidinha Barbeti)

PREFÁCIO

O perdão faz parte do equilíbrio entre a alma o corpo e o espírito. Ele, é prova evidente da fragilidade moral em se encontra alma humana após escolher os enganos da vida, em vez de atentar para a vontade e a verdade de Deus.

O perdão recicla o lixo da alma e o transforma em energia pra que a pessoa possa retornar a produzir frutos doces e não mais insípidos ou amargos. Também possibilita ainda viver uma vida de paz, dando a si a oportunidade para o conforto de espírito, algo fundamental para quem quer experimentar a vida.

Apesar de ser uma ordenança o perdoar é um ato de livre-arbítrio, de livre escolha, uma opção. Na verdade nós podemos escolher frutificar o perdão ou podemos cultivar a amargura. Com a certeza do que aquilo que plantarmos será aquilo que também colheremos. Com tudo qualquer um que escolher não perdoar, temos que respeitá-lo.

Em 2 CO 2.10,11 encontramos que Satanás alcança vantagem sobre nós quando não damos lugar ao perdão em nossa vida. Damos a ele direito legal para nos acusar. **“A quem perdoais alguma coisa, também eu perdô..., para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios.”**

Quando não perdoamos contaminamos o corpo inteiro, a família inteira sofre os efeitos danosos de um coração endurecido. Incontáveis são os casos de vidas que sofreram e ainda hoje sofrem por não perdoarem ou por não aceitarem o perdão sobre suas faltas.

Apresento o presente livro como fruto de anos de aconselhamento pastoral. Muitas das enfermidades do corpo, da alma e do espírito que tive de acompanhar foram, na sua maioria, resultado de vidas vividas longe do perdão.

O meu desejo é que você aceite o desafio de caminhar por essas linhas, sabendo da possibilidade real de em algum momento encontrar-se consigo mesmo no quarto da decisão

INTRODUÇÃO

Apesar do sol da manhã, o vento frio de junho anunciava mais um rigoroso inverno. Eu me encontrava assentado sozinho em um dos bancos do jardim que ficava bem em frente à capela do seminário. Estaria me formando em poucos meses, e ali estava eu pensando no futuro, no ministério, aonde seria, com quem seria e outros pensamentos.

Em certo momento, comecei a observar uma linda e grande borboleta amarela que voava sobre algumas flores logo à minha frente. Ela destacava-se pela beleza e agilidade. Foi quando me perguntei: qual seria o preço de uma borboleta? Nesse momento, de olhos abertos veio em minha mente, aquela linda borboleta amarela presa no interior de um saco plástico. O sentimento de posse de algo tão belo seria realmente satisfatório, se ela não estivesse lutando por sua liberdade. A tristeza de vê-la se debatendo aumentou quando as suas pernas começaram a se quebrar. As suas asas até ali, tão ágeis, começavam a colar nas paredes úmidas do plástico lutando por sua vida, logo parando de se debater esperando a morte eminente. Imaginava essas cenas quando voltou em minha mente a mesma pergunta: qual seria o preço de uma borboleta? Foi quando ouvi o Espírito de Deus falar ao meu coração: O preço da borboleta é o preço da sua liberdade. Como fiquei feliz, ao ver aquela especial borboleta ainda voando livremente, diante dos meus olhos, sobre as flores daquele jardim.

Hoje aquela borboleta representa, nesse pequeno livro, tantos que se sentem abafados em sua alma, escravos dos seus próprios sentimentos e que querem ser verdadeiramente livres.

Ao escolher o perdão como tema central deste livro, creio estar indo ao encontro de uma das necessidades mais importantes, não só da Igreja de Jesus Cristo, mas de toda vida humana. Por esse motivo procuro mostrar como muitos de nós cristãos, tendo a Palavra de Deus como regra de fé e prática temos ainda hoje, tanta dificuldade em perdoar, mesmo sendo nas mínimas coisas.

O perdão é com certeza, um dos ensinamentos mais abordados do evangelho do amor proclamado por Jesus Cristo e com certeza até hoje um dos menos vividos.

Deus é amor e perdoar é um dos exercícios do verdadeiro amor. Perdoar é vida gerando vida, vida que vive e deixa viver. Acredito que o prazer de libertar, bem como o de perdoar alguém, é tanto quanto ao de ser perdoado. Os laços são desfeitos de ambos os lados, juntos experimentam a libertação que vem do amor prático, não somente de uma fé teórica. Fruto de uma fé de quem ama a liberdade, resultado não só do conhecimento da Palavra de Deus, mas principalmente da sua obediência, obediência em amor e temor que gera vida e não dor, escravidão e morte.

O certo é que não há vida abundante, paz duradoura, frutos permanentes, nem liberdade no Espírito Santo onde não há arrependimento e perdão verdadeiro. Sem isso, podem acontecer movimentos, shows, entretenimento, e tantas outras coisas no seio da igreja, mas não o genuíno avivamento, que tanto oramos e há muito não vemos.

Alguns, hoje, estão contando e comemorando o crescimento numérico dos evangélicos no Brasil, como um novo momento na vida da Igreja. Creio ser esse um parâmetro importante a ser notado, mas muito perigoso, pois a quantidade em espécie, nunca foi a única medida de Deus, como um fator determinante para a sua aprovação e bênção.

Vejo como exemplo, o espírito de doação da viúva pobre ao ofertar suas duas únicas moedas, hoje alguns centavos, consideradas por Jesus como maior oferta (Mc 12. 42,43). O espírito de prontidão e vigilância dos trezentos homens de Gideão, escolhidos por Deus, dentre trinta e dois mil que se apresentaram para a guerra (Jz 7.7). A coragem e fé dos soldados de Israel, comparados em I Rs 20.27 a dois rebanhos de cabras enquanto os soldados sírios, armados para a guerra enchiam a terra. A humildade dos doze discípulos, escolhidos por Jesus, em vez de doze mil sábios, para iniciar a evangelização do mundo. O espírito de entrega de Moisés sem nenhum exército, para libertar cerca de três milhões de pessoas das mãos de faraó. A submissão de um só salvador, Jesus Cristo, para salvar toda humanidade. Pensando assim, creio que para Deus, antes do crescimento numérico da Igreja, o fruto do Espírito Santo e a obediência à sua Palavra em amor, sejam os parâmetros de aceitação preferidos de Deus para a sua noiva, a Igreja.

Estamos crescendo, não resta dúvida, mas necessitamos urgentemente voltar às fontes limpas do avivamento bíblico, redescobrimo a Palavra de Deus na unção do Espírito Santo. Só assim, estaremos novamente bebendo diretamente da fonte, onde reencontraremos o verdadeiro caminho para o avivamento pessoal e coletivo, construindo assim, a nossa história de crescimento que nos leve alcançar os confins da terra.

Recentemente estive na África Astral. Especificamente em Moçambique, onde começamos um ponto missionário, vivendo uma das experiências mais profundas e valiosas do meu ministério. Vi sede de Deus como nunca vira antes. O primeiro amor manifesto de diversas maneiras em exaltação de amor e fé.

Presenciei o dirigir de Deus, na vida de uma comunidade, como um pai que segura seu filho pela mão em meio ao cominho proposto, sabendo que a confiança é o que dá a certeza necessária para que ambos caminhem em direção às promessas de um pai amoroso e fiel.

Conversões, louvores e danças, exaltação no Espírito, batismos nas águas, comunhão, trabalho e serviços eram compartilhados na unção do Espírito Santo de Deus.

Eu creio. É possível. Tem jeito, mas não é de qualquer jeito.

I A IMPORTÂNCIA DO PERDÃO

No original grego, perdão (apheemi), significa soltura voluntária de uma pessoa ou coisa sobre a qual alguém tem controle legal ou real, é também deixar ir sem castigo como lemos em Rm 3.23-25 "**sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixados impunes os pecados anteriormente cometidos**". Esse é o princípio do verdadeiro perdão.

No Velho Testamento, precisamente na época de Moisés, Israel via o pecado, mais no sentido da transgressão da Torá de Deus. O modo possível para a absolvição do pecador era na maioria das vezes,

através de um ato expiatório quando era passada ritualmente a culpa do pecador para o animal, e este em seguida era logo sacrificado. Este cerimonial prefigurava o sacrifício de Jesus Cristo, o cordeiro perfeito, oferecido como preço pelo pecado, para salvação de todo aquele que crê.

No Novo Testamento, o perdão tem lugar central na proclamação cristã, como o único meio, pelo qual, o relacionamento entre Deus e o homem é definitivamente restaurado. O Perdão oferecido por Deus em Jesus é, portanto, o cumprimento do que fora profetizado e esperado no Velho Testamento.

Quando observamos o comportamento moral e ético da sociedade desde os primórdios, vemos que o perdoar nunca fez parte dos atributos mais freqüentes da nossa caminhada enquanto humanidade. Muito pelo contrário, intolerância, arrogância, prepotência, corrupção, desrespeito aos direitos humano e a falta de compromisso com a vida, são marcas que caracterizaram o homem do passado e muito mais o homem do presente, a ponto de hoje, comprometer a vida no planeta, quer por ameaça de guerra global, quer pelo desequilíbrio do ecossistema em escala catastrófica, resultado do desrespeito sistemático às leis naturais. A esse comportamento humano suicida dou aqui o nome de “espírito do bicho da goiaba”, verme que não só devora a própria casa como contamina e apodrece o meio ambiente em que vive levando o fruto ao apodrecimento prematuro.

Leio em I Jo 5:19 “**Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno**”. Logo, em relação à falta do perdão, ou mesmo a dificuldade em perdoar, é com certeza um sinal real não só da natureza pecaminosa do homem como da presença do espírito maligno atuante em todos os níveis do relacionamento humano, principados e potestades que tem dominado, não só pessoas, como também nações inteiras, quando movidas por ódio religioso, preconceito racial, imperialismo expansionista ou simplesmente por interesses comerciais. Motivações estas, responsáveis por incontáveis conflitos e guerras absurdas. Verdadeiros holocaustos. Sem falar nas ações terroristas que hoje estão deixando o mundo à mercê do medo.

O certo é que o ódio, a intolerância e a falta de perdão têm, não só marcado países por toda a história, como também nossos vizinhos, parentes, amigos e irmãos em Cristo ou mesmo eu e você.

Vemos a importância que Cristo deu ao perdão pela seriedade e severidade com que o tema foi abordado por Ele, quando em seu ensino, implica diretamente a prática do perdão, até mesmo na futura condição de salvo do crente, em Mc 11.25,26 Jesus diz: **“E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas. Mas, se não perdoardes, também vosso Pai celestial não vos perdoará as vossas ofensas”**. Logo se não há perdão, também não haverá possibilidade de salvação. Não creio que o homem perca a salvação, mas pode sim, rejeitá-la, negligenciá-la como fez Esaú ao trocar a sua bênção de herança por um prato de sopa quente, e tantos outros que escolheram e ainda hoje escolhem o próprio ventre, como a principal vontade a ser satisfeita.

Contam que um menino com um pequeno canivete fez um lindo barquinho, e, logo que pode, o levou ao rio para vê-lo navegar. Num determinado momento, por força do vento o seu lindo barquinho se afastou da margem e levado pela correnteza logo desapareceu rio abaixo, sem ele ter nada podido fazer. Dias se passaram até que passando em frente de uma loja viu o seu barco à venda. Correndo entrou na loja e ofegante disse ao vendedor "Esse barco é meu". O vendedor não dando atenção disse que se ele quisesse aquele barco teria que pagar o seu devido preço. O menino saiu correndo, juntou as suas economias, pediu a seu pai o que faltava e voltando à loja, pagou o preço do barco. Após abraçá-lo, disse: “Você agora é meu duas vezes, uma porque eu te fiz, outra por que te comprei”.

Assim é o perdão de Deus, nos liberta e nos toma de volta como nosso verdadeiro dono.

Perdão não é brinquedo nas mãos de criança, apesar de como crianças o temos tratado. A minha oração e o meu desejo a você que espera o cumprimento das promessas que Deus lhe deu, é que como bom semeador possa começar a semear a semente do perdão em seu caminho. O Senhor pode mudar a sua história.

PERDÃO: RESTAURAÇÃO E RECONCILIAÇÃO

A Parábola do Filho Pródigo, apresentada por Jesus aos seus discípulos em Lucas 15, mostra não só o poder restaurador do perdão, mas também o seu poder reconciliador.

Num segundo momento dessa parábola nos é apresentado o arrependimento do filho mais moço em ter desperdiçado sua parte da herança, bem como a sua humildade em voltar e pedir perdão ao seu pai e, sendo recebido ainda na entrada da casa, foi acolhido e restituído ao lugar de filho, tendo como maior sinal de reconciliação o anel da família posto novamente em seu dedo.

Vemos por esse ensino de Jesus que o poder do perdão tanto opera benção no coração de quem ofendeu como restaura a alegria e a paz no coração de quem perdoou. Nesse sentido encontramos o pai dando ordens aos seus criados para que se fizesse uma grande festa em Lc 15:22,24 **"O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se"**.

Muitos hoje vivem escravos de sentimentos sombrios. Jesus nos diz que ele veio para nos libertar e nos dar vida e vida com abundância. A Porta que nos mostra esse caminho é fazer a vontade do Pai, e creia, o perdão faz parte do mover do milagre das portas abertas.

O ápice da missão de Jesus foi a sua expiação, seu sacrifício pelos pecados de toda a humanidade, Jo 3.16-18 **"Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus"**. Ou seja, todo aquele que aceitar e confessar a Jesus como o seu único e suficiente salvador receberá por isso, o perdão incondicional de Deus.

Aprendo aqui que o perdão inicialmente se estendeu de Deus para o homem; do homem para consigo mesmo e por fim do homem para o

homem. Esse perdoar exerceu papel essencial no ministério de Jesus, não só no seu ensino como proclamador das boas novas como também na sua prática pastoral junto àqueles com quem convivia. Para Jesus, o perdão de Deus, não só justifica o pecador, restaurando e reconciliando-o com o Pai, como o liberta do poder e das conseqüências eternas do pecado.

Por outro lado, o poder iníquo que age no coração de quem não consegue perdoar, vemos agindo com clareza em Pv 18:19 **"O irmão ofendido resiste mais que uma fortaleza; suas contendias são ferrolhos de um castelo"**. Essa guerra interior só quem ama, perdoa e se perdoa pode vencer.

Com certeza a restauração da paz, da comunhão, da alegria, da saúde, do equilíbrio espiritual e psicológico e mesmo da prosperidade financeira são possíveis conseqüências do perdão, e não somente da fidelidade na prática dos dízimos e nas ofertas como pregam alguns. Entretanto, a falta de perdão em nossas vidas, famílias e igrejas, tem contaminado e atrasado a nossa caminhada como agência missionária do reino e cidadão dos céus.

Quanto tempo perdido! Quantos esforços inúteis! Quantos irmãos e irmãs deixados à beira do caminho! Famílias inteiras à margem da comunhão da igreja. Tudo por causa, muitas vezes, de poucas palavras dita sem amor e fora de tempo. Quantos ministérios prejudicados ou destruídos! Quantos casamentos e famílias desfeitas, por falta simplesmente do poder do perdão que opera na humildade e na submissão a Deus. Jesus ensinou e hoje também nos ensina, que tanto a vida cristã, como o nosso culto perde totalmente o valor se são erradas as nossas atitudes para com os nossos semelhantes.

Quer orando, louvando, ofertando ou realizando qualquer outra forma de serviço, o perdão é com certeza um fator determinante para que nossas expressões de fé sejam aceitas como oferta agradável e aceitável a Deus. Isto está claramente ensinado em Mc 11.25,26 quando Jesus diz: **"E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoa. E em Mt 5. 23,24 "Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta"**. Podemos ignorar ou mesmo desprezar essa Verdade, "mas o caminho é este andai por ele" disse Isaías em Is 30.21

Muitas vezes, e infelizmente nós, pastores e líderes, longe de agirmos como instrumentos de restauração e reconciliação, por vezes somos responsáveis pelo sofrimento de muitos que estão sob nossos cuidados espirituais, simplesmente por não ensinarmos que o perdão é uma ordem não uma opção, que o perdão direciona ao céu, e que a sua falta pode causar doenças, morte, juízo e inferno. Jesus nos mostra isso em Mt 5:22 **"Eu, porém, vos digo que todo aquele que sem motivo se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo"**. Se esta verdade não é mentira, quantos irmãos e irmãs hoje vivem uma mentira pensando estar vivendo a Verdade.

Diante das repetidas ministrações sobre o perdão, Pedro por fim pergunta a Jesus em Mt 18.21,22: **"Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete"**. Creio que a preocupação de Pedro em conhecer mais detalhes da doutrina que o mestre tanto ministrava, deveria ser a preocupação de todo aquele que exerce liderança na Igreja, de não só conhecer o ensino, mas sim, e muito mais, praticar e ensinar aos membros de suas comunidades a se perdoarem. Falo assim porque infelizmente a falta de bons exemplos e de fidelidade no ensino da Palavra de Deus também tem alcançado nossos púlpitos e mestres.

Tem sido comum no seio da Igreja vermos situações entre irmãos que requerem admoestação, disciplina ou acompanhamento pessoal serem ignoradas ou quando muito, mal solucionadas gerando mais dor, divisões e mortes. No entanto sabemos que **"Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça"** 2 Tm 3:16. Na verdade, podemos não estar educando, ou não estarmos sequer ensinando.

Fui pastor numa pequena cidade do interior de cinquenta mil habitantes. Por esse tempo um homicídio abalou aquela cidade, pela crueldade aplicada pelo assassino, um jovem de 19 anos e filho de evangélicos. O ódio represado no coração deste jovem chamou a atenção das autoridades do município. Diante de experiências como esta, chego a me perguntar sobre como seria se o perdão fosse praticado no lar e na Igreja desse jovem, será que o ódio teria dominado tanto assim o seu coração?

III

FÉ COM VIDA ABUNDANTE

Diante do quadro de insegurança e incertezas em resposta à precariedade de políticas públicas praticadas hoje no Brasil, muitos líderes cristãos estão aproveitando a oportunidade e adotando como método de proclamação, o oferecer a seu público o que tenho chamado de “a benção da satisfação plena”.

Os efeitos danosos dessa prática de não atentar para a realidade dos efeitos do pecado na vida dos que estão sobre os seus cuidados, bem como o desconhecimento do verdadeiro propósito do perdão de Deus para cada vida, tem com toda certeza, produzido danos profundos na formação de novos discípulos, a meu ver, comprometendo a liberdade e a autoridade espiritual de gerações futuras.

Nessa proposta de oferecer satisfação instantânea vemos: espetáculos gospels cada vez mais profissionalizados, períodos de louvores cada vez mais longos e extasiantes, com mensagens nunca conflitantes e sempre direcionadas a oferecer ao ouvinte uma vitória sem Cristo, onde a promessa de sucesso profissional, prosperidade financeira, saúde física e mental, são as mais proclamadas. É comum estarem tais promessas acompanhadas de condições que criam vínculo e compromisso financeiro com ministérios e pregadores que os ouvintes nunca verão pessoalmente, nunca serão ouvidos, disciplinados ou acompanhados em suas necessidades pessoais de ser e pertencer a uma comunidade de fé. Nunca sequer poderão apertar a mão de alguns deles, como aquela mulher tocou em Jesus e foi curada de sua hemorragia. Muitos dos pregadores que hoje vemos na mídia, chegam pelos fundos e saem sem ninguém ver, quando não acompanhados por seguranças. Infelizmente milhares dessas ovelhas virtuais nunca chegarão a ser realmente pastoreadas.

A fé verdadeira apresentada na Bíblia com toda certeza não é a que se baseia somente na busca dos resultados, conquistas e restituições. Quanta diferença da fé ensinada por Tiago, a que pede e espera em Deus, na fé que sabe dizer "se Deus quiser" Tg 4.13-16 **"Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a**

cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo. Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes pretensões. Toda jactância (orgulho) semelhante a essa é maligna".

Creio que a fé sem vida com Deus, sem aliança com a Verdade, e longe de ser confirmada com frutos permanentes, tem que ser rejeitada, pois o seu fim é satisfazer aos desejos do homem e não cumprir a vontade de Deus. Ela é maligna, faz mal, não bem e, na verdade, transforma a cruz de Cristo numa promessa de escada para o sucesso.

Em Jo 8:32 lemos **"e conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará"**. Ou seja, conhece Jesus e Jesus, pela sua Palavra e pelo seu Espírito, te liberta. Antes de qualquer oração de quebra de maldição ou de restituição das coisas roubadas pelo diabo, tem, a meu ver, que ser apresentado Jesus Cristo como a Verdade única que liberta a qualquer um que necessite de libertação, pois o poder regenerador do Espírito Santo e o poder da Palavra de Deus na conversão são com certeza, suficientes para quebrar grilhões hereditários, palavras de maldição, entre outras. Infelizmente, para muitos é muito mais fácil orar quebrando os galhos, do que pelo discipulado e pelo agir do Espírito Santo vivificar a raiz, ensinando a obediência ao Senhor pelo conhecimento e prática da Verdade, conhecendo e vivendo sob o poder restaurador, transformador e vivificador do perdão de Deus.

Como já coloquei, estamos presenciando um período de crescimento no número de evangélicos no Brasil, o que me preocupa é o que estamos fazendo com esta multidão, muitos atraídos por mensagens de resultados instantâneos, com mensagens subliminares que acabam por ser tornar em estatísticas entre os milhares de "cooperadores" ou "mantenedores da obra", quase todos em busca de mais pães. **"vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes"** Lc 6.23,26.

Quais os tipos de discípulos que estamos formando, ou mesmo querendo? Infelizmente, o foco de muitos ministérios, na mídia ou não, é [no] levar o fiel a compromissos com alvos financeiros propostos e não como discípulos de Cristo seguir o Caminho, a Verdade e a Vida que é a proposta original de Jesus Cristo para todo aquele que crê.

IV

VIDA COM COMPROMISSO

A palavra compromisso só é encontrada em toda a bíblia uma única vez, em 1 Timóteo 5:12, no contexto das viúvas que queriam novamente casar-se anulando assim o seu primeiro compromisso.

Hoje essa configuração de relacionamento está sendo intensivamente aplicada no dia a dia da igreja moderna, conscientemente ou não, como meio de criar vínculo com instituições e projetos pessoais, desviando muitos cristãos dos objetivos reais do evangelho de Jesus Cristo.

Jesus, em todo o seu ministério, nunca pediu compromisso a ninguém. Ele lhes pedia o coração, a vida. O apóstolo Paulo viveu intensamente sua fé. Ele não só tinha compromisso com Cristo, ele viveu Cristo. Vemos em sua declaração de fé em Gálatas 2:20 **“logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim”**.

Como consequência dessa realidade absurda de compromisso sem vida, temos presenciado conversões múltiplas, mas em muitos casos sem acompanhamento individual, sem discipulado, sem os cuidados que abranjam todas as necessidades de um novo convertido, quer de cunho espiritual, social ou psicológico. É onde as igrejas se enchem de pessoas não regeneradas, carentes de Deus, sedentas de respostas e de amor. É quando, infelizmente, muitos ao entrarem em contato com a realidade do dia a dia desses ministérios descomprometidos com a Palavra, não têm encontrado o seu lugar de acolhimento. Deparam-se muitas vezes, com ministérios impessoais, só ministram o que interessa e como interessa para que se alcancem os alvos propostos. Tudo isso acompanhado com tocante louvor. Eu acredito que muitos de nós pastores e líderes daremos contas a Deus de muitas dessas vidas, que hoje decepcionadas caminham sem direção.

Infelizmente, doutrinas fundamentais, como a doutrina do perdão têm sido consideradas como doutrinas de segunda grandeza. Quando vejo líderes abençoando dominicalmente os seus bons e fiéis dizimistas, “mantenedores e cooperadores da obra”, gostaria que estes

também fossem alvos de igual atenção, para receberem orações, ministrações, além de exortações aos membros mentirosos e hipócritas para serem verdadeiros, aos pedófilos e homossexuais para buscarem com choro o perdão de Deus, aos membros bajuladores para serem autênticos, aos espancadores e violentos para serem mansos e respeitosos; aos maldizentes para serem amorosos; aos adúlteros para serem fiéis; aos muitos políticos cristãos corruptos a serem sal, aos amorosos para que continuem amando; aos que perdoam para que continuem a perdoar.

V

PERDOAR, FÁCIL OU DIFÍCIL

Para a grande maioria das pessoas, perdoar nunca foi fácil. Acredito que essa dificuldade na vida da maioria dos cristãos está relacionada principalmente na falta de um discipulado voltado ao amadurecimento não só do homem espiritual, mas do homem como um todo, conforme Mt 28:20 **“ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado”**. Ensino, este, de responsabilidade da Igreja e principalmente da sua liderança.

Perdoar setenta vezes sete o mesmo irmão, mostra que Cristo queria que o ato de perdoar não fosse só um exercício a ser praticado no dia a dia da sua Igreja, mas também uma obediência ao princípio maior do amor. O Evangelista Marcos nos mostra que a base do perdão não está simplesmente na obediência, mas no amor. Ele diz que devemos **“amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os holocaustos e sacrificios”** Mc 12:33. Logo perdoar é viver Deus, é amar ao próprio Deus, perdoar é amar ao próximo como a nós mesmos.

Creio também que Jesus quando ensinou aos seus discípulos o perdoar o quanto fosse necessário não só estava reconhecendo as dificuldades da caminhada no relacionamento humano, mas também queria mostrar a importância do perdão no elo da comunhão com Ele/Deus como também da unidade da igreja no exercício da fé e do

amor, revelando o perdão como fonte genuína de cura de mágoas e ressentimentos pela prática da fé ativa.

A fé que Jesus mostrou como necessária para que milagres aconteçam, e eu vejo o perdão como um milagre, como um dom, tem como comparação o tamanho de um grão de mostarda, Mt 17:20 **“E Ele lhes respondeu: Por causa da pequenez da vossa fé. Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível”**. Portanto não estava e nem está em questão o alvo da fé nem quem a pratica e sim a sua essência.

Em tempos de pós-modernidade, multidões de evangélicos estão sendo levados de forma conscientes ou não, a ter somente a fé em Jesus, mas não estão sendo discipulados a ter a essência da fé dele. Quando alguns líderes dizem: venham todos na segunda-feira que Jesus vai curar; apareçam na terça-feira que Ele vai restituir; na quarta vai abençoar as suas finanças, ou façam isso ou aquilo que Jesus vai mudar sua vida, tal ensinamento do “Deus vai”, fora do contexto do discipulado, nunca levará o novo convertido, ou quem quer que seja a ser verdadeiramente um discípulo maduro, um vencedor, já que somente ter a fé de que Jesus pode tudo é também compartilhada pelos demônios: Tg 2:19 diz: **“Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem e tremem”**. Essa fé não tem o grau, nem a essência que nos leva a crer que eu e você possamos fazer coisas maiores do que o próprio Jesus fez. Tenhamos não somente a fé em Jesus de que Ele pode, mas, também o grão de mostarda da fé de Jesus e que eu e você em nome dele possamos realizar coisas. Essa verdade está revelada pelo próprio Jesus em Jo 14:12 **“Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores farão, porque eu vou para junto do Pai”**.

Quando o apóstolo Paulo afirma em Fl 4.13 que tudo podia naquele que o fortalecia, demonstrou ter a essência da fé grão de mostarda, ou seja, a essência da fé de Jesus. O certo é que se tivermos fé, podemos pedir o que quisermos ao Pai em nome dEle e nos será concedido. Jo 16.23 **“se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome”**. Creio que multidões estão sendo levadas erroneamente a terem somente a fé de que Jesus vai fazer isso ou aquilo, tornando-as cativas daquele pregador que os cativou, quando o

certo é o discípulo também ser treinado para ser igual a Jesus Cristo nosso mestre e discipulador, ensinados a fazer também as obras que Ele fez e ainda quer fazer através da sua Igreja. E isso inclui também o poder de perdoar como Jesus perdoou.

A dependência espiritual gerada por tal ensino tem seduzido multidões a se prostrarem e a se prestarem a todo tipo de submissões e sacrifícios com promessa de felicidade e prosperidade. Tal estratégia tem como alvo, cumprir objetivos e com certeza não é o de obedecer à grande comissão de ir e fazer discípulos de Cristo.

VI

AS CONSEQUÊNCIAS DA RETENÇÃO DO PERDÃO

Uma das características do cristão pós-moderno é não considerar a obediência à Palavra de Deus como fator fundamental de manutenção da sua espiritualidade. Percebo isso como resultado de uma liturgia voltada e centralizada no homem e para o homem, onde o alvo do Plano de Ação da Igreja é envolver as pessoas no que lhe interessa e não as levar a conhecer a Deus com seus atributos e a toda sua vontade.

Talvez você conheça alguém, ou você mesmo (a), não consiga nem olhar para alguém que te magoou, decepcionou ou traiu. Quero lembrar que o nosso Senhor te perdoou, perdoa, e mesmo amanhã, com certeza estará pronto a perdoar, porque o amor dEle não muda. Seguindo os passos de Jesus, Ele estava disponível para perdoar o tempo todo.

Esse é um dos fatos que mais temos que atentar quando não queremos nos dispor ao perdão. De fato Deus nos justificou, sendo nós ainda pecadores como nos mostra Rm 3:24 “**sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus**”, e Romanos 5:1 “**Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo**”. Logo se fomos perdoados da nossa dívida pela nossa fé em Jesus Cristo, temos, pois, obrigação de perdoar o nosso próximo como Ele, Jesus, nos tem perdoado a cada dia.

Com frequência somos também levados a pensar que a falta cometida contra nós é muito maior do que as nossas faltas cometidas contra os outros e até mesmo contra Deus. Em Mt 18.27,35 Jesus nos

ensina de uma forma clara não só o dever de perdoarmos, mas as sérias consequências espirituais emocionais e físicas de quem não perdoa: **“E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe toda a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves. Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo, e te pagarei. Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida. Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito e foram relatar ao seu senhor tudo que acontecera. Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti? E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão”.**

Por esse texto posso afirmar que perdoar é dever de todo aquele que já se sentiu perdoado por Deus, mesmo que seja à custa de seu próprio bem-estar. E isso não é brincadeira.

Julgamos que os nossos erros e fraquezas são sempre dignos de perdão. Diariamente nós reconhecemos que erramos e com fé pedimos perdão a Deus que sempre nos atende e “logo pegamos no sono”. Mas na verdade o que estamos fazendo, eu você e tantos outros, com aqueles que nos devem e que tanto nos magoaram?

Não raro encontramos cristãos que levaram a vida toda para perdoar alguém, outros nunca perdoaram. Alguns esperam outros tantos anos para simplesmente julgar se aquela pessoa merece o seu perdão ou não. Em Mt 18.35 encontramos Jesus exortando e profetizando **“Assim também meu Pai vos fará se do íntimo não perdoares cada um a seu irmão”**. É inútil tentar aqui esconder a severidade desse ensino de Jesus como querem alguns mestres mais flexíveis. A Modernidade não conseguiu diluir o juízo e sim disfarçá-lo.

Jesus expressou sempre que necessário e durante todo o seu ministério, suas idéias morais, idéias estas as quais chamo de “Lei da Graça”. Veio acrescida do ingrediente fundamental para diferenciá-la da Lei Mosaica: o AMOR e o PERDÃO

Um dos fatores que mais influenciaram o afastamento do cristão da leitura da bíblia nos últimos cinquenta anos foi que nós pastores tiramos o dever, a obrigatoriedade de obedecer, e, no seu lugar, fortalecemos o compromisso no adorar e ofertar. As bênçãos vêm sendo sistematicamente ligadas mais ao ofertar do que ao obedecer. Essa prática condenada diversas vezes por Deus como vemos em I Sm 15.22,23 **“Tem, porventura, o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria”**. Essa prática de trocar o obedecer por adorar vem sendo repetida por quase todos os ministérios e com certeza tem nos custado vidas, união, autoridade e liberdade.

Com isso o temor a Deus, tem se transformado em desafio proposital à sua autoridade, quando o pecado vem sendo tolerado em todas as instâncias da Igreja sem nenhum medo ou temor.

Apresento como tese “A Lei da Graça” por ver de forma clara que a lei apresentada por Jesus vai muito além em severidade do que a lei mosaica, a lei dada por Deus ao povo judeu. Vejo como exemplo a lei que trata do adultério no velho testamento como está em Lv 20:10 **“Se um homem cometer adultério com a mulher de outro, ele e a mulher deverão ser mortos”**, e quem a infringisse sabia que a pena era a morte. Já no Novo Testamento Jesus eleva tal juízo quando julga a intenção no coração e não o ato. Vemos tal severidade em Mt 5,28,29 **“Mas eu lhes digo: Quem olhar para uma mulher e desejar possuí-la já cometeu adultério no seu coração....Pois é melhor perder uma parte do seu corpo do que o corpo inteiro ser atirado no inferno”**. A lei mosaica condena o corpo temporal, a morte no seu ato. Já a lei da graça condena a alma a partir da sua intenção. A Palavra em 1 João 3:15 nos adverte severamente quanto ao desejo de pecar e a severidade do seu juízo quando diz **“Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si**. O ódio é pecado da alma, mesmo que não seja manifesto e a lei o condena a uma vida eterna sem Deus.

É certo dizer que a pessoa verdadeiramente salva, regenerada, e devidamente discipulada, terá condições de perdoar em Cristo e viver essa vida moral elevada proposta por Ele a toda sua igreja.

No rigor desse ensinamento, o irmão(a) que não perdoar a seu irmão(a), também não será perdoado(a) por Deus, Lc 6:37 **“perdoai e sereis perdoados”**. A verdade é, mesmo que alguns tentem desconsiderá-la o crente que não perdoar não verá o Senhor; o homem que não usa de misericórdia, também não alcançará misericórdia. Diz o texto em Mt 18 **“indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão”**. Neste versículo Jesus promete entregar aos verdugos, os irmãos e irmãs que não perdoarem a seus irmãos a suas irmãs. Os verdugos aqui citados por Jesus, não são os carcereiros, que encontramos guardando Paulo, Silas e tantos outros presos em outros textos bíblicos, são antes, “verdugos”, ou seja, torturadores, atormentadores que imprimem dor, sofrimento e angústia ao condenado. No caso da Igreja, Deus promete falta de paz e sofrimento a quem não perdoou, ou não consegue perdoar.

Creio que nesta parábola apresentada por Jesus à sua Igreja está explícita a indignação de Deus, sobre a retenção do perdão por quem deveria perdoar. O rei, representação do próprio Deus, pôde compreender e perdoar a ignorância, a desonestidade nas finanças como fraquezas humanas, mas não a injustiça, a desumanidade, a crueldade e a ingratidão de alguém que depois de ter sido perdoado não perdoou a alguém que lhe devia muito menos.

Quantas vezes somos nós que teimamos por simples orgulho não dimensionar o perdão dispensado por Deus à nossa vida.

VII

PERDÃO QUE LIBERTA

“Para a liberdade foi que Cristo nos libertou” Gl 5.1. Esta liberdade, doada a nós pelo perdão de Deus em Jesus, não se pode negar a quem quer que a busque e precise quando isso depende só de nós. Se Deus amou o mundo inteiro e sem acepção de pessoas ofereceu a todos o seu perdão, também não cabe a nós escolhermos a quem devemos perdoar ou não. Cabe sim, obedecermos à vontade do nosso

Senhor no exercício do perdão e após fazê-lo, com humildade louvamos a Deus por isso.

Com toda certeza a prática do perdão é um dos sinais visíveis da presença e operação do Espírito Santo no seio da Igreja, pois aonde há o Espírito Santo há libertação, liberdade e perdão.

No livro do profeta Isaías, encontramos com exatidão o que acontece no coração do cristão quando o perdão é liberado. Is 27.9,13 **"...e este é todo o fruto do perdão do seu pecado: quando o SENHOR fizer a todas as pedras do altar ...em pedaços, não ficarão em pé os postes-ídolo e os altares do incenso... Os que andavam perdidos pela terra da Assíria e os que forem desterrados para a terra do Egito tornarão a vir e adorarão ao SENHOR no monte santo em Jerusalém"**.

Pelo texto citado acima encontramos como um dos frutos do perdão, como sendo a destruição dos altares e dos postes-ídolos que foram construídos pelo povo nos dias de rebeldia e afastamento do Senhor. Quando um cristão peca e não busca o perdão de Deus ou do próximo com quem errou, é iniciada em sua mente a construção de altares que ocupam o lugar da adoração que até aquele momento era de domínio do Espírito Santo. Um segundo fruto do perdão nos é apresentado como sendo o retorno à presença do Senhor. **"Tornarão a vir ao Senhor"**, Deus só compartilha a sua presença e a sua revelação com quem foi perdoado. Um terceiro fruto é a adoração **"e adorarão"**, posso afirmar que sem o perdão não há retorno ao Senhor nem adoração verdadeira. Só adora a Deus quem se sente perdoado e compartilha dessa experiência libertadora.

A presença do Espírito Santo se manifesta de várias formas e a prática do perdão é uma das suas manifestações e das quais mais se faz necessária na Igreja de nossos dias, tanto no que toca a unidade e comunhão, como para o seu exercício e autoridade no mundo espiritual.

O perdão a partir dos lares é vida operando vida. O certo é que o perdão, a liberdade e a autoridade andam de mãos dadas, e isso serve tanto para quem perdoa como para quem é perdoado (a).

Estudando as dificuldades no exercício do perdão no dia a dia do cristão, analiso particularmente um momento de particular importância da vida das igrejas. Para tanto, tomo como exemplo o modelo do processo batismal praticado por quase totalidade das congregações cristãs.

Sabemos pela Palavra de Deus que há festa nos céus quando um pecador se arrepende, Lc15:7 **“Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende”**. Ficamos felizes quando vemos novos irmãos e irmãs sendo batizados, recebendo seus certificados de batismos, aonde alguns destes certificados já vêm impressos em seu verso os direitos e deveres do novo membro. Em culto solene, geralmente no mesmo dia do batismo, são acolhidos com abraços e oração de recepção, sendo que dentro de poucos dias terão recebido do tesoureiro o seu envelope de mais um dizimista na comunidade que os acolhe.

Creio que esta alegria, na maioria dos casos, encobre uma dura realidade, que já aparece no domingo que se segue ao batismo. Aqueles novos convertidos, agora como novos membros, já estarão misturados em meio à massa dos fiéis, já não merecendo tanta atenção ou cuidado. Para alguns membros mais "experientes", já cumpriram o círculo da salvação, ou seja, creram, se arrependeram, e foram batizados. É comum ouvirmos, no mesmo culto, uma nova chamada para a nova turma de candidatos ao batismo, começando assim um novo processo. Na grande maioria das igrejas evangélicas essa operação não leva mais do que três meses, conheço igreja que só levam poucos dias, ou seja, no melhor dos casos, cerca de doze encontros dominicais de cinquenta minutos. Infelizmente, para muitos pastores e líderes, esse período terá sido suficiente para transformar uma criança espiritual que ainda mama, com apenas poucos dias de vida, em um adulto espiritualmente responsável em já cumprir seus deveres com a sua igreja, com seus projetos missionários e seus alvos financeiros para a manutenção da casa de Deus, entre outros tantos programas que constituem o Plano Anual da Igreja, isso quando eles existem. Creio que em poucas comunidades funciona algo melhor do que isto.

Não vejo o batismo a recém-convertidos como problema, haja visto, o que fez o apóstolo Paulo ao carcereiro e sua casa em Atos 10, bem como a Crispo e muitos cidadãos de Corinto. At 18:8 **“Crispo, o principal da sinagoga, creu no Senhor, com toda a sua casa; também muitos dos coríntios, ouvindo, criam e eram batizados”**. Vejo, sim, dificuldade hoje em, após batizar quem quer que seja não dar continuidade ao discipulado, através de programas especiais de ensino e acompanhamento pessoal para os recém-batizados, que dure o suficiente para que sejam consolidadas no discípulo, doutrinas básicas

da fé cristã que o fortaleça nos seus primeiros anos de fé. A profundidade da semente determinada pela qualidade e alvo do discipulado pode determinar o tempo de vida e do amor do novo crente diante das intempéries da vida como também a sua robustez no exercício dos seus dons. Jesus nos mostra isso assentado a beira do mar em Mt 5.5 *“Outra caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra”*.

Ao contrário do que se pratica, a conversão é só o início do projeto de Deus para todo aquele que crê. Fl 1.6 **"Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la..."**.

A visão que a Igreja tem dela mesma e de como trata doutrinas bíblicas fundamentais, a exemplo da doutrina do perdão na vida diária de seus membros, acredito ser obstáculo ou não para que a manifestação pública da Igreja como agente evangelizadora e transformadora da sociedade realmente aconteça.

VIII

ENSINANDO A PERDOAR

Lembro-me que quando criança, com chuva ou sol, domingo era dia de irmos à escola bíblica dominical. Lá, participei de todas as salas do departamento infantil, depois como adolescente, jovem e adulto, chegando a ser pastor da igreja anos depois. A cada dois ou três anos mudavam-me de sala, de professor, de revista, de assento no templo e outras mudanças que demonstravam crescimento. Crescia porque mudava, e mudava porque crescia. Era preciso mudar. A cada mudança experimentava novos desafios e com eles novas experiências. Sem perceber estava sendo habilitado para poder corresponder às responsabilidades cristãs que vem com o crescimento.

Infelizmente, muito desse cuidado com a educação cristã já não existe a começar dos cuidados com as crianças, que em muitas igrejas, são vistas como igreja do futuro, sem investimento e fora do orçamento. Departamentos infantis, isso quando eles existem, têm ficado na maioria das vezes, sob a responsabilidade de pessoas sem a

devida qualificação ou mesmo em muitos casos sem qualquer preparo. Esses departamentos ou ministérios costumam contar com a ajuda de alguns irmãos e irmãs, por vezes voluntários, para serem “professores de crianças”, onde bravamente procuram realizar o seu melhor, movidos na sua grande maioria por puro amor.

Tanto esforço, tem sido pouco em relação às necessidades espirituais, emocionais e sociais de uma criança pós-moderna, principalmente quando o imperativo de Cristo é transformá-las em discípulas dEle. Vemos em Pv 22:6 **“Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele”**. Acredito que o apóstolo Paulo possa ter dito ministrando sobre esse texto: *“ensina a criança a perdoar e quando for adulta perdoará e não amaldiçoará”*.

Samuel ainda era uma criança quando dormindo no templo, ouviu a voz do Senhor pela primeira vez a chamá-lo, 1 Sm 3:4 **“O Senhor chamou o menino: Samuel, Samuel”**, Naquela ocasião ele ainda não conhecia a voz de Deus, e ao ouvir aquela voz desconhecida a chamá-lo, levantava-se e procurava o profeta Eli, que dormia no quarto ao lado.

Eli era um profeta já avançado em idade, e naqueles dias, o seu coração estava distante de Deus. A cegueira e a acomodação espiritual o impedia de ser severo com seus filhos que faziam o que era mal perante o Senhor. Esta situação de afastamento do propósito do Senhor para a sua vida o levou a não discernir logo que era Deus que estava chamando o menino enquanto este dormia. Samuel Após ouvir o chamado de Deus pela terceira vez foi, por fim, orientado por Eli a responder dizendo: **“Fala Senhor que o teu servo ouve”**.

Tomando como exemplo o pequeno Samuel, hoje as nossas crianças também precisam aprender a ouvir a voz de Deus. Pois muitas delas ainda não o conhecem verdadeiramente. Como Samuel precisou de ajuda do profeta Eli para responder ao Senhor, por ainda não conhecer a sua voz, creio que as crianças de hoje também o precisem. Deus naquela ocasião não desistiu de falar a Samuel, e com certeza, continuaria a chamá-lo quantas vezes fosse necessário até que lhe respondesse.

Creio firmemente que Deus também tem planos para as nossas crianças que frequentam os nossos templos, e que por vezes tem dormido nos bancos ao nosso lado. Nossas crianças também esperam

por aprender a se relacionarem com Deus. Acredito firmemente que isso acontecerá quando enxergarmos que a nossa missão, a verdadeira missão da igreja, é fazer discípulos e não somente multiplicar fiéis enquanto seus filhos são distraídos enquanto tudo acontece.

Se ensinarmos uma criança a perdoar, ela crescerá perdendo, se não a ensinarmos, crescerá como muitos de nós. Por outro lado, a mesma cegueira espiritual que impediu o profeta Eli de discernir prontamente a vontade de Deus de se revelar àquela criança que estava sobre os seus cuidados, tem impedido muitos líderes, pais e responsáveis de trabalharem no sentido de proporcionarem um encontro entre Deus e os nossos muitos e pequenos Samuéis. Crianças que estão sob os nossos cuidados.

Quando verificamos o carinho com que Jesus acolheu todas as crianças que se aproximaram dele, contrariando os costumes de sua época e de como Ele usou a figura desses pequeninos em seus ensinamentos, concluo que a criança foi prioridade para Jesus e acredito que continua sendo. Será que não estamos dando demasiada atenção aos seus pais, ou seja, aos financiadores da obra e de como atraí-los e agradá-los, destinando assim aos pais quase todo o tempo e atenção?

Como tenho por várias vezes citado, a Igreja tem sofrido, com a falta de discipulado eficiente em nossos dias. Pergunto: “o que será das próximas gerações, se os nossos filhos não forem hoje ensinados a viverem a vida cristã comprometida com a pura e simples verdade de Deus?”

Aceito que muito do sofrimento que nós cristãos hoje passamos, quer familiar, profissional, social e mesmo espiritual, não é só por falta de conhecimento da Palavra de Deus. Quando falo de conhecimento, falo também de entendimento, falo de ensino compartilhado, que ensina a dividir o pão, a compartilhar a água, a enxergar e exaltar o próximo, a exercitar o perdão, a distribuir tarefas, dividir os lucros da vitória sobre a mentira e a hipocrisia dominante. Falo, a exemplo de Jesus, de três anos investidos, em doze homens, com ministrações diárias, comunhão constante, presença que ensinava, dava exemplo, que cobrava postura, que amava disciplinando, que ensinava se doando, isso sim é para mim, o verdadeiro discipulado e que tanto nos falta hoje.

A falta de postura coerente de muitos de nós líderes eclesiásticos, primeiramente com Deus, com a sua Palavra e também com a sua

Igreja tem produzido, por nossas próprias mãos, não discípulos maduros, mais crianças eternas, carentes, inseguras e excessivamente dependentes em nossas igrejas. E, como qualquer criança, alegram-se e se satisfazem com pouca coisa, principalmente se o alimento dominicalmente levado aos seus ouvidos for coberto com açúcar.

A solução para esse quadro preocupante, apesar de alguns não compartilharem dessa opinião, é, a meu ver, a volta imediata à Palavra de Deus, aos estudos dos rudimentos da fé, e da sã doutrina cristã. A volta à disciplina e correção em amor, práticas fundamentais não só aos recém-convertidos, hoje ovelhas treinadas intensivamente, para parirem outras ovelhas em cada vez menos tempo. Verdadeira engenharia genética espiritual. Em alguns casos com cotas de conversões a serem cumpridas, visando o alvo anual de convertidos, prova visível do sucesso do método aplicado.

IX

PERDÃO, A DRACMA PERDIDA

Estamos vivendo dias, onde a própria Bíblia se tornou indispensável para muitos. Ela já não conta tanto para o crescimento da Igreja, já que a preocupação com a formação doutrinária não é tanta quanta a necessidade da implantação da visão de multiplicação, e para estes o método bem aplicado por si só é suficiente, prática justificada pelos números obtidos.

É urgente voltarmos à Escola Dominical, e aos estudos semanais de doutrina cristã, não somente para aprendermos sobre história denominacional, tradições, costumes, implantação ou consolidação da visão de crescimento avançado que hoje nos distinguem uns dos outros, mas também para nos alimentarmos do Pão da Vida, do próprio Deus, quem sabe começando com a doutrina do perdão: Mt 6:12 **“perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores”**.

Durante décadas, desenvolvemos uma teologia própria sobre o pão vivo, Jo 6:35 **“Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome”, “vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes”**.

Infelizmente temos usado e abusado do direito de manipular este pão vivo, principalmente quando temos trabalhado tão pouco toda a Verdade do Verdadeiro Pão. Isso tem acontecido quando deixamos de apresentá-lo também como energia e poder que nos direciona ao serviço ao próximo, ao perdão que liberta e ao amor que direciona à missão.

Jesus Cristo, o Pão Vivo que desceu do céu, não pode ser patenteado por qualquer indivíduo ou instituição dando-lhe direito exclusivo de uso e exploração, como tem tentado alguns, é antes alimento universal, patenteado no céu, dado gratuitamente a todo aquele que crê.

Aprendemos como Igreja a nos alimentarmos do Pão da Vida, mas em muitos casos não temos gasto as energias obtidas na formação de novos discípulos de Jesus que produzam novos discípulos. Posso parecer grosseiro mais a verdade é que esse Pão esta sendo usado como ração de engorda para a produção de gordura que lhes garanta conforto e energia para o inverno.

Não consigo entender como algumas igrejas abriram mão das reuniões semanais de ensino doutrinário, para se multiplicarem em reuniões de multiplicação, acreditando com isso, que não haja prejuízo espiritual para a igreja. Ao ser preso, Jesus diz: **“Todos os dias, no templo, eu me assentava convosco ensinando...”** Mt 26.55. Como explicar a Deus, o fato de não darmos prioridade ao ensino, pelo contrário, tiramos os únicos cinquenta minutos semanais que as crianças de uma igreja evangélica têm para aprender da bíblia. Depois, como sempre acontece, queremos nos esquivar da responsabilidade que temos quando nossas crianças, adolescentes e jovens abraçam o que deveriam desprezar e amam o que deveriam odiar. Quando isso acontece, como solução afiamos hipocritamente a língua ou a tesoura da justiça “divina”, ou como está mais na moda aumentamos o volume do som gospel, quando creio que seria mais justo, reconhecermos que estamos falhando no ensinar as nossas crianças no caminho que devem seguir.

Creio que não sairemos impunes do nosso “descuido” com os pequeninos amados do Senhor, Mt 21.15,16 **“as maravilhas que Jesus fazia e os meninos clamando: Hosana ao Filho de Davi!...e Jesus respondeu: sim, nunca lestes: Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor?”**; o que achará o Senhor quando chegar e

encontrar o que estamos fazendo com o seu melhor? Ou quando morrermos o que lhe diremos?

A preocupação de Deus com as crianças, velhos, grávidas e doentes bem como todo o povo que o buscava se revela na estratégia que Jesus usou ao alimentar cerca de dez mil pessoas na primeira multiplicação dos pães em Mt 6.38 **“ao compadecer-se do povo que depois de segui-lo se viu com fome perguntou a seus discípulos: “Quantos pães tendes? Ide ver!E, sabendo-o eles, responderam: Cinco pães e dois peixes. Então, Jesus lhes ordenou que todos se assentassem, em grupos, sobre a relva verde. E o fizeram, repartindo-se em grupos de cem em cem e de cinquenta em cinquenta ...Todos comeram e se fartaram; e ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe”.**

Se olharmos com cuidado essa multidão, veremos os ótimos resultados que a estratégia de Jesus obteve naquela ocasião com a divisão em grupos pequenos. Posso ver entre aqueles pequenos grupos de cinquenta, pequenas famílias, aonde nem os velhos, nem as crianças foram esquecidas. Sendo um grupo menor, todos poderiam se alimentar até estarem todos satisfeitos, pois estavam assentados, e na medida do possível confortados. Como o alimento estava próximo, poderiam também se alimentar sem pressa, cuidando um do outro. Com certeza ouve naquele dia satisfação física, emocional e espiritual.

Essa estratégia foi usada também por Deus no trato com Moisés, ao aconselhá-lo escolher chefes para "satisfazer" o seu povo com justiça. **Êx 18: 25,26 “Escolheu Moisés homens capazes, de todo o Israel, e os constituiu por cabeças sobre o povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez. Estes julgaram o povo em todo tempo; as causas graves trouxeram a Moisés e toda causa simples julgaram eles”.**

Aprendo que a importância que Deus dá aos pequenos problemas é a mesma para com os grandes, nenhuma situação de conflito deveria ficar sem cuidado e acompanhamento. Como seriam as nossas igrejas se igual cuidado fosse hoje aplicado nas necessidades físicas, emocionais e espirituais das nossas comunidades de fé, onde o arrependimento e o perdão fossem prioridade na cura e na busca de relacionamentos mais saudáveis e duradouros. Nesse sentido não quero aqui ser injusto com algumas Igrejas e comunidades, que conseguiram mesclar crescimento numérico sem descuidar da qualidade espiritual

dos seus novos membros. Creio que os bons exemplos devem ser seguidos, mas infelizmente são poucos os que assim pensam e agem.

Pode parecer desmedido, mas chego a comparar algumas situações com dias que antecedem a campanhas políticas partidárias. Culturalmente são poucos os políticos que investem em saúde ou educação, preferem investir em áreas que causam impactos que demonstram poder de realização.

Realidade é que para muitos ministérios investir em ensino bíblico integral e saúde espiritual também não causa impacto nem dão retorno imediato em número de novos membros, estão prioritariamente investindo em projetos de multiplicação, onde o ensino se limita a consolidação da visão nos novos multiplicadores.

Conheço alguns ministérios de multiplicação avançada que rejeitam friamente crentes de outras denominações por acharem que por não terem o DNA multiplicador certamente darão mais trabalho do que “fruto”. Tais visitantes são desencorajados a permanecerem nessas comunidades. Curá-las de sua “esterilidade” levaria tempo, e tempo é dinheiro, quero dizer, para uma hora investida no resgate de uma ovelha já marcada por outros ministérios, serão 60 minutos deixados de investir na multiplicação de novas ovelhas. Em casos especiais ovelhas abastadas são bem aceitas independentes da visão, de onde e como venham. Os defeitos para esses não são apercebidos.

Com certeza tratar dos próprios filhos na fé é na sua maioria muito mais fácil e prazeroso do que tratar das “ovelhas dos outros”, mais se tratando da Igreja de Cristo, não existe essa diferença. É herético, discriminatório e demoníaco, fazer acepção de pessoas, principalmente no tocante a irmãos (ãs).

Em Ez 34.,15,16 vemos que no coração de Deus há lugar para as ovelhas perdidas: **"A fraca não fortaleceste, a doente não curaste, a quebrada não ligaste, a desgarrada não tornaste a trazer e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza; Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas e as farei repousar, diz o SENHOR Deus; A perdida buscarei, a desgarrada tornarei a trazer, a quebrada ligarei e a enferma fortalecerei".**

Se nós pastores, deixarmos de investir na educação e na saúde espiritual de quem quer que venha até nós, para investirmos somente em aspectos da nossa igreja que demonstrem poder e ostentação, não correremos o risco, de no final, sermos nós mesmos desaprovados

como despenseiros de Deus? Espero que até lá, muitos de nós, pastores e líderes espirituais, tenhamos também aprendido a pedir perdão.

Estaremos nós, pastores e líderes aplicando a estratégia certa para alimentarmos todo o nosso povo a ponto de estarem todos satisfeitos, homens, mulheres, jovens, nossos idosos e crianças, todos aqueles que tenham fome e sede de Deus? Ou ao contrário disto, usamos a estratégia de atrás de um pequeno púlpito, como detentores dos direitos sobre a exploração e distribuição do pão e da água da vida alimentarmos nossa pequena multidão somente com cinco pães e dois peixes. Será que tal estratégia tem suprido as necessidades da Igreja de Cristo nas dificuldades dos últimos dias?

Vimos que no cuidado de Jesus com o seu rebanho **"todos comeram e se fartaram"**. Hoje haverá verdadeira satisfação, com cuidado para que ninguém fique sem a sua porção? E o que falar da terceira idade? E as crianças? Será que há milagres acontecendo, liberdade pelo Espírito do perdão e as sobras traduzindo aqui a abundância no zelo e cuidado, será que hoje elas existem?

Quantas igrejas hoje cheias de crentes famintos, enfermos da alma, do corpo e até mesmo do espírito. Na realidade, a grande maioria não está assentada a se alimentar e a se fartar da Verdade que lhe dirija a vida ao serviço, mas, talvez sim, encontremos muitos assentados em algum banco esperando por um pedaço de pão que os alimente a alma contra o medo da morte, do desconforto, desavisados à espera das promessas de prosperidade, de restituições e vida abundante aguardada por muitos e experimentada por muito poucos; a vida abundante que nunca chega. Vejo nessa multidão muitos correndo como Marta, entre muitos afazeres quem sabe distraindo a frustração de um vazio incômodo, ou possivelmente de pé na fila da unção com óleo no final de algum culto.

X

EM DEFESA DA SÃ DOCTRINA

1 Timóteo 4:16, diz: *"Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina"*. Em Tito 1:9, vemos: *"apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem."*

1. O ensino da Verdade e o acompanhamento da missão foram as principais armas do apóstolo Paulo contra as forças que se levantaram contra o seu ministério de implantação do Reino entre os gentios. Vejo esse cuidado e preocupação ao se dirigir aos crentes de Colossos e adverti-los dizendo: **"Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo"** Col 2.8. Também podemos ver essa mesma preocupação quando Paulo envia Timóteo aos tessalonicenses dizendo: **"Foi por isso que, já não me sendo possível continuar esperando, mandei indagar o estado da vossa fé, temendo que o tentador vos provasse, e se tornasse inútil o nosso labor"** Tss 3.5.

Os perigos que os novos crentes dos dias do apóstolo corriam, com ventos de doutrinas e ensinamentos de demônios não são diferentes, acredito eu, dos perigos que hoje correm os cristãos. Paulo nos adverte em I Tm 4.1 **"Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios"**. O Apóstolo Paulo enfrentou este problema com esforço redobrado na qualidade da formação dos discípulos de seus dias. Diz ele aos seus discípulos em 1 Ts 3:10 **"orando noite e dia, com máximo empenho, para vos ver pessoalmente e reparar as deficiências da vossa fé. "Finalmente, irmãos, nós vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus que, como de nós recebestes, quanto à maneira por que deveis viver e agradar a Deus, e efetivamente estais fazendo, continueis progredindo cada vez mais; porque estais inteirados de quantas instruções vos demos da parte do Senhor Jesus"** Tss 3.10 4.1,2.

Quando o apóstolo, se referindo a Ceia do Senhor em I Co 11. 23 exortou os crentes de Corinto a discernir o Corpo de Cristo nos elementos da ceia, advertiu-os duramente, por ser este o motivo de haver entre eles muitos fracos e doentes, e vários que já haviam morrido por não terem o devido entendimento sobre a ceia do Senhor. Paulo quis também mostrar, que a Igreja precisa ser ensinada não só sobre a importância das coisas espirituais, como, e principalmente, o seu significado.

Como naqueles dias a fome e a miséria eram grandes; muitos buscavam na ceia de Senhor um meio de matar a fome. O pão para muitos daqueles novos irmãos, havia se transformado em simplesmente

comida e o vinho simplesmente bebida. Paulo entendeu que por falta de ensino e entendimento da Palavra, aquela comunidade estava sofrendo.

Para o apóstolo Paulo, a razão, o conhecimento e o entendimento são fundamentais na compreensão das escrituras. Jesus conversando com os discípulos após a sua ressurreição abriu-lhes o entendimento para que pudessem entender os acontecimentos e assim darem a sua devida importância **“Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras”** Lucas 24:45.

Apesar das necessidades do povo e da vontade que ele, Paulo, tinha em ver a Igreja crescendo, não negligenciou a sua responsabilidade, de sendo mestre, corrigir pelo ensino os erros de comportamento daquela nascente comunidade cristã, não só preservando a Verdade no seio da Igreja, como também se preocupando com a integridade física e espiritual daqueles que, naquele momento, estavam sob a sua responsabilidade espiritual.

Erram aqueles que vivem e pregam que basta somente assistir ao culto, ser atendido em suas orações, participar dele cantando alguns hinos, conhecer e cumprir seus deveres e direitos e ter o seu nome escrito no rol de membros. O apóstolo Paulo, como também bom pastor, pediu àqueles irmãos de Corinto que tivessem discernimento de quem eram, entendimento exato do que estavam fazendo, e compreensão de só a quem precisavam servir e adorar.

Presenciamos nas últimas décadas, o movimento de quebra de maldições. Movimento esse que tomou e ainda hoje toma grande parte da atenção e do investimento de muitos evangélicos.

Acho o tema importante, creio que se faz necessário conhecermos o passado para anular e quebrar o que precisa ser quebrado pelo poder da Palavra e do nome do Senhor Jesus Cristo. Vemos essa vil realidade exposta quando Davi avisa a Salomão em 1 Reis 2:1.8 **...Eis que também contigo está Simei, ... que me maldisse com dura maldição”**.

Apesar de reconhecer a existência da maldição com seus terríveis efeitos, vejo com preocupação a forma como o assunto é sempre abordado e explorado.

Considero que a sede de respostas imediatas para crises profundas e a busca de solução para o vazio nunca preenchido, associada à necessidade em se ver livre da opressão dos nossos dias, preditos em 2 Tm 3:1 **“nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis”**, fazem parte

do contexto, que tem levado multidões a buscarem libertação e bênçãos aonde se apresentem.

Nesse sentido, muitas portas têm sido abertas com a especialidade de resgatar bens materiais e direitos passados, mesmo que isso desvie os seus novos fiéis do alvo de serem verdadeiramente discípulos de Cristo, exatamente daquele que tem todo o poder de os tornarem verdadeiramente livres. Gl 5.1 **“Para a liberdade foi que Cristo nos libertou”**.

Acredito na libertação pela oração, mas a estratégia de Satanás é sempre voltar para reconquistar, e isso se concretiza quando ao voltar encontra o coração do homem, da mulher e do jovem vazio da Palavra de Deus e da presença do Espírito Santo. Essa estratégia está descrita com detalhes em Lucas 11:24,26 **“Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos, procurando repouso; e, não o achando, diz: Voltarei para minha casa, donde saí. E, tendo voltado, a encontra varrida e ornamentada. Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem se torna pior do que o primeiro”**. Para essa estratégia satânica a resposta é o discipulado, é o ensino consistente da pura e simples Palavra de Deus. Ensino que faz habitar para sempre no coração daquele que crê a certeza de perdão e a convicção de ter sido justificado pelo único Deus que perdoa.

A maldição sempre existiu e continuará a existir. Anular os seus efeitos na vida do homem pelo poder da Palavra de Deus faz parte do ministério da Igreja. Creio, porém que oferecer meios e apontar caminhos para quebras de maldições, libertações, restituições etc. sem, contudo, visualizar o discipulado como instrumento de consolidação da fé na vida cristã, não visualizando a Cruz da obediência diária determinada por Cristo, tem custado caro e muito ainda irá custar para a saúde espiritual do corpo de Cristo, a Igreja.

Infelizmente em muitos ministérios o alvo não tem sido à busca da vontade de Cristo pelo conhecimento e prática da Verdade que liberta e sim determinar a satisfação plena em todas as três mil promessas de Deus, isso mediante uma simples oração de quebra de maldição por pessoas especializadas. Por outro lado, conheço pessoas que têm sido instrumentos de Deus para libertar cativos de maldições e pessoalmente tenho orado por pessoas oprimidas pelo passado, mas como a direção tomada determina o destino, tenho tomado o caminho

do ensino bíblico, da ministração da Verdade pelo poder do Espírito Santo e pela oração.

Quando leio em Hc 3:2 *"aviva a tua obra, ó Senhor, no decorrer dos anos"*, encontro sinais vivos da necessidade de renovação espiritual também em nossos dias. Apesar de muitos terem medo de novas experiências, Deus é o maior renovador que conheço. Ao permitir a morte, deu à vida o dom da renovação, da redenção, da ressurreição, não permitindo assim que o velho, que o pecado se perpetue. Uma das provas disso é o dia de vinte quatro horas. A cada 24 horas tudo começa de novo. Nada se repete, até as misericórdias do Senhor são renovadas sobre nós cada manhã. **"As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã"** Lamentações 3.22,23. Creio que ainda seremos uma igreja "perdoadora", rica em amor de uns para com os outros mesmo que seja entre muitas tribulações.

A necessidade de vigilância de nós líderes é de não só cuidarmos dos interesses da denominação, mas, muito mais, de cuidarmos dos reais e eternos interesses de Deus para cada um dos seus filhos e filhas. Para que isso acontecesse Paulo teve o discernimento das verdadeiras causas do sofrimento do rebanho, não perdeu oportunidades de ensinar, exortando na Palavra sobre os erros cometidos, sem fugir do objetivo de implantar o Reino de Deus em meio aos gentios, tendo como mensagem central o evangelho do perdão.

Prego que temos que resgatar urgentemente não só o verdadeiro ensino da pura e simples Palavra de Deus em nossas reuniões e cultos, onde a proclamação do evangelho tenha como alvo não só salvar vidas, como também regenerá-las e santificá-las pela lavagem da Palavra para que, indo produzam frutos na unção do Espírito Santo, com demonstração de poder pelos sinais que acompanham todos aqueles que crêm.

Acredito que será um bom começo transformando o "cultinho passa tempo", quando as crianças são gentilmente retiradas do templo para não serem empecilhos ao bom andamento do culto, em um verdadeiro encontro com Deus.

Como já citei, a criança tem lugar de destaque no reino e no coração de Deus, e com certeza precisa ser prioridade na vida e no plano de ação de qualquer Igreja. Precisamos oferecer a elas o ensino que verdadeiramente aponte o único e verdadeiro caminho, e assim,

“quando crescerem não se desviarão dele” Pv 22.6. Esta promessa está garantida, alicerçada pela Palavra de Deus, e, portanto, faz parte da nossa missão ensiná-las e não só distraí-las com programinhas lúdicos.

Acredito que a presente situação na maioria das nossas igrejas tem ajudado na perpetuação e na manutenção de uma igreja longe de ser exemplo no dever e no exemplo em perdoar. Apesar de quase todos sabermos da má qualidade da educação cristã infantil oferecida a muitas das nossas crianças pela ausência de frutos permanentes no decorrer dos anos, muito pouco vemos ser feito para mudar essa realidade, com certeza seremos por isso também argüídos pelo pecado de omissão.

Durante muitos anos de ministério também adotei o cultinho passatempo com algumas alterações, com o propósito de ter mais silêncio na hora da pregação da Palavra sem me aperceber de que na verdade estava retirando as crianças do templo exatamente na hora mais importante do culto, assim ensinando-as que o lugar delas logo após o momento de louvor era fora do templo em um lugar “especial” para elas. Percebi que muitas dessas crianças quando chegavam aos doze anos, depois do louvor, sempre saíam do templo e ficavam conversando na escadaria com crianças da mesma idade, especialmente os mesmos que juntos, quando menores, eram abençoados e retirados para aquele “cultinho especial”. Era comum ver irmãos repreendendo-as, exortando-as a entrarem para assistirem ao culto, esquecendo-se de que num passado muito próximo essas mesmas crianças eram gentilmente convidadas a se retirarem do templo.

Hoje na Igreja que pastoreio as crianças são educadas a se comportarem diante do Senhor nosso Deus durante todo o culto, ouvindo a voz de seu pastor. Só as crianças até quatro anos têm atenção especial. É nossa prática hoje dar a cada criança acima de cinco anos uma bíblia, e é nossa a alegria de vermos as nossas crianças assentadas na primeira fila, todas com sua bíblia, sendo educadas no caminho em que devem andar para que quando crescerem não se desviem dele.

JESUS O VERBO

Alguns líderes dizem que o centro do seu culto é Jesus, e eu creio que até possa ser, mas quero lembrar, que Jesus não é o centro Ele é o Verbo de Deus. Diz João 1:1: **"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus"**. Assim sendo, Jesus é a Palavra de Deus. Se Jesus, sendo o Verbo é verdadeiramente "o centro" do culto e sendo Ele mesmo a Palavra, deve, portanto, a pregação, determinar o que virá antes e depois dela no momento cútico da igreja. Logo, toda a liturgia trabalhará para o ápice do culto, que com certeza, nunca foi e nunca será o louvor, os testemunhos e outras tantas coisas. Qualquer outro momento que não seja ouvir Deus falar através da sua única, perfeita e santa Palavra é complemento, João 10:27 **"As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem"**.

Ouvir a voz de Deus, não é ouvir a palavra do pregador, ou de quem quer que seja, é antes, ouvir o que o próprio Deus nos deixou escrito na Bíblia, sendo que um dos Seus maravilhosos ensinamentos é que Ele nos perdoou em Jesus Cristo, e espera que façamos aos outros o mesmo.

Por outro lado, ensinamentos sobre o perdão, têm sido trocados por temas da moda por pregadores e mestres no mínimo desatentos. Muitos desses temas pós-modernos têm como alvo mostrar os sete passos para o caminho da felicidade, do conforto e bem-estar do corpo e da alma, determinando prosperidade e restituições que biblicamente a ninguém cabe determinar, e determinar é algo bem diferente do que profetizar. Quem profetiza tem as garantias de Deus, agora quem determina se submete a sua aprovação. Tg 13-15 diz: **"Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo"**.

Simple membros, líderes, cooperadores fiéis ou discípulos de Cristo, o que você tem visto ser produzido em sua igreja? O certo é que os fatores estratégicos como: definição dos objetivos, preparo da

liderança e tempo investido no modelo de discipulado, isso respeitado o perfil de cada igreja, são alguns fatores que estão envolvidos nestas questões aqui abordadas.

Arrependimento e perdão têm sido práticas comuns na sua igreja? O amor tem sido uma realidade na sua comunidade?

Para muitos ministérios apesar de muitas vezes estarem aplicando recursos na educação cristã da sua comunidade, pecam no fator tempo.

O tempo para a Igreja não é dinheiro, mas tem custado caro. Além de muitas Igrejas não terem um modelo de discipulado eficaz, a pressa tem produzido discípulos mal formados; uns sem cabeça, nunca conseguem pensar por si só, anos a fio precisam sempre de ajuda para realizarem as mínimas coisas e é comum tais pessoas nunca terem levado ninguém a Cristo; outros sem mãos, nunca fazem nada ou muito pouco, isso, quando convencidos a fazerem. Geralmente esperam que outros façam e especialmente aqueles que sentem que pagaram para isso. Nesse grupo encontramos pessoas desejosas de colocarem as mãos para o serviço, mas, quase sempre não foram treinadas; outros sem pés, onde cada passo é uma luta, um sacrifício, alguns desses chegam a lutar para não saírem do assento. Por medo, preconceito, insegurança ou mesmo vergonha se escondem e acabam por enterrar talentos preciosos. Ou seja, em três meses de sala de catecúmenos, que tipo de discípulo podemos produzir? Se Jesus, sendo ele o próprio Cristo cuidou dos seus discípulos por três anos, por que hoje, sendo nós o que somos, adotamos poucas semanas como padrão de discipulado eficaz?

Creio que nesse tempo poderemos formar quem sabe, bons membros, mas com certeza nunca fiéis cristãos, aptos para caminharem com os próprios pés a produzir frutos dignos de arrependimento. Por não haver tempo de acompanhamento necessário, não há avaliação, com isso não há ajuda efetiva, não há cobrança em amor e como resultado, nunca serão formados discípulos de Cristo, continuamos assim sem perdão nem perdoados.

Infelizmente a maioria das nossas igrejas pós-modernas, com experiências com o mover do Espírito Santo, já não buscam o revestimento de poder de Lucas 24:49 “... **permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder**”, unção, batismo com o Espírito Santo, como vinham buscando. Essas reuniões são necessárias e importantes, mas elas sozinhas hoje não têm produzido aquilo que no passado foi alcançado.

Tenho certeza que [a] confissão, arrependimento e perdão são fundamentais na liberdade de operação do Espírito Santo na vida da Igreja, e antecedem a qualquer avivamento. II Crônicas 7.14 **"se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra"**. Na verdade, temos que saber o que exatamente queremos.

O que será preciso acontecer para que o avivamento pessoal ou coletivo se torne realidade na vida de nossas igrejas?

Muito do que precisamos para ser uma igreja poderosa nas manifestações e realizações, passa por uma igreja que aprendeu a pedir perdão e a perdoar.

Onde existe amor e temor há perdão verdadeiro, liberdade, paz, alegria, dança no Espírito. Os milagres acontecem, temos sonhos e comunhão duradoura, trabalho e colheita dos frutos produzidos pelo amor no espírito do perdão. Já onde não existe amor e temor, não há perdão e sim perda, derrota, depressão, vazio, angústia, solidão e atividades que não satisfazem.

Creio ser importante para que a Vida abundante de Cristo se estabeleça na família cristã que cada cristão seja esclarecido das suas reais e profundas necessidades e o quanto tem como responsabilidade em buscar dos seus líderes espirituais, aquilo que por direito o próprio Senhor deixou que é a necessidade de conhecimento de toda a Verdade e não somente parte dela.

XII

PERDÃO NOS DÍZIMOS E OFERTAS

Nesses últimos dias, ventos de doutrinas têm se tornado alimento para muitos crentes desatentos Ef 4:14 **"para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro"**.

Quando Daniel resolveu firmemente não se contaminar com as finas iguarias do rei - Dn 1:8 - questionando assim a qualidade do

alimento oferecido pelo rei de Babilônia, mesmo este sendo autoridade sobre ele, Daniel escolheu para si e para seus amigos um melhor alimento. Como resultado foi honrado pelo seu Deus e se sobressaiu sobre os demais sábios de seus dias em saúde e sabedoria.

Questionarmos hoje o alimento oferecido em mensagens, pregações, ministrações, etc. a exemplo de Daniel, quando questionou a qualidade das especiarias oferecida pelo rei, não é pecado, é antes fundamental para que o fermento, hoje imperceptível, não levede toda a massa, ainda mais quando doutrinas de demônios estão incluídas na receita. 1Tm 4:1 **"Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios"**.

Nos dias de Ezequiel veio a ele a palavra do SENHOR, dizendo: Ez 13.1-10: **"Filho do homem, profetiza contra os profetas de Israel que, profetizando, exprimem, como dizes, o que lhes vem do coração. Ouvi a palavra do SENHOR. Assim diz o SENHOR Deus: Ai dos profetas loucos, que seguem o seu próprio espírito sem nada ter visto! Os teus profetas, ó Israel, são como raposas entre as ruínas. Não subistes às brechas, nem fizestes muros para a casa de Israel, para que ela permaneça firme na peleja no Dia do SENHOR. Tiveram visões falsas e adivinhação mentirosa os que dizem: O SENHOR disse; quando o SENHOR os não enviou; e esperam o cumprimento da palavra. Não tivestes visões falsas e não falastes adivinhação mentirosa, quando dissestes: O SENHOR diz, sendo que eu tal não falei? Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Como falais falsidade e tendes visões mentirosas, por isso, eu sou contra vós outros, diz o SENHOR Deus. Minha mão será contra os profetas que têm visões falsas e que adivinham mentiras; não estarão no conselho do meu povo, não serão inscritos nos registros da casa de Israel, nem entrarão na terra de Israel. Sabereis que eu sou o SENHOR Deus. Visto que andam enganando, sim, enganando o meu povo, dizendo: Paz, quando não há paz..."**.

Muitos de nós líderes na Igreja, conscientes ou não, temos contribuído para que o nosso povo conheça uma mesma parte da Verdade durante anos. E, portanto, viva somente parte ou quase nada daquilo que Jesus realmente pede e prometeu. Cito como exemplo o que acontece, quando não ensinamos e não aplicamos a verdade na

coleta dos dízimos e ofertas, prática esta comum em nossas igrejas. Em Mt 5.23,24 diz: **“Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta”**. Aqui o perdão, aparece de forma condicional, para a aceitação dos dízimos e ofertas trazidas ao gasofilácio por parte de qualquer ofertante. Diz o texto: **“Vai, primeiro, reconcilia-te com teu irmão”**.

Deus exige conserto: arrependimento e perdão, para que a oferta e os dízimos sejam aceitos por Ele e não somente pela tesouraria da igreja. Em vez de cobrarmos o conserto entre irmãos antes do momento das ofertas como nos ordena a Palavra do Senhor, o fazemos na hora da ceia. Tiramos assim todo obstáculo que impeça qualquer oferta ou dízimo de chegar o mais rápido ao gasofilácio, à tesouraria da Igreja, não importando de onde ou como o dinheiro venha.

Usamos para essa troca o texto de 1 Coríntios 11:28: **“Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice”** como se esse texto se referisse a algo que deva ser confessado e não somente o discernir o Corpo de Cristo, como o apóstolo assim quis ensinar.

Quanto prejuízo espiritual, talvez explicando a perda da autoridade sobre demônios e enfermidades, e mesmo maldições que têm alcançado nossas igrejas, por não estarmos obedecendo a mais esta verdade, a simples observância do conserto [concerto] e do perdão antes da entrega das ofertas e dízimos trazidos ao altar. O certo é que Deus não aceita ofertas e nem dízimos de crentes que não perdoam, estejam eles conscientes dessa Verdade ou não. Apesar de alguns tentarem, Deus não se deixa subornar. Mt 5,24 **“então, voltando, faz a tua oferta”**. Deuteronômio 23:18 diz: **“Não trarás salário de prostituição nem preço de sodomita à Casa do SENHOR, teu Deus, por qualquer voto; porque uma e outra coisa são igualmente abomináveis ao SENHOR, teu Deus”**. Infelizmente, temos aberto mão desse cuidado, e isso com certeza já tem nos custado caro e com certeza iremos responder ao dono as ovelhas também por isso.

O perdão tem que realmente acontecer para que só depois, a oferta seja contabilizada no caixa da igreja. Não importa qual a

desculpa teológica que se dê: mas, o que fazer para pagar o subsídio pastoral, contas de luz, telefone, construção, sem falar nos projetos missionários, se os dizimistas e ofertantes tiverem que ir perdoar primeiro para ofertar depois?, pensam alguns. Por outro lado, como obedecerão esta Verdade se não a conhecem, ou pior, se por algum interesse lhe é negado tal entendimento?

É fundamental ensinar e ensinar certo, não algumas coisas ou só as coisas que interessam à denominação, é antes ensinar todas as coisas que o Senhor nos deixou escrito na sua Palavra João 14:26 "mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará **todas as coisas** e vos fará lembrar **de tudo** o que vos tenho dito".

XIII

A FORÇA DO METAL E O PODER DO PERDÃO

Não tenho a informação, sobre onde, quando ou quem fez o primeiro anzol como instrumento de pesca ou físga. Em 2 Reis 19.28 encontramos o povo Assírio sofrendo na carne os seus efeitos. Depois de vencidos em batalha foram transportados como escravos, puxados por anzóis presos na cartilagem do seu nariz. Em Amós 4.2 vemos Deus profetizando contra as mulheres de Samaria em que dias estariam para vir sobre elas, onde seriam levadas com anzóis e as mulheres restantes com físga de pesca. Tais marcas não só deixavam cicatrizes como marcavam suas almas para sempre. Creio que tais experiências deixavam sinais do quanto vale a liberdade pela obediência a Deus.

Esse método, apesar de cruel, era eficiente. Milhares foram assim levados a qualquer hora e em qualquer direção sem muito esforço, pela enorme dor sofrida à menor resistência. Hoje, pela mesma eficiência, este método é ainda muito usado por fazendeiros no manejo de animais de grande porte, como touros e búfalos. E a exemplo dos antigos Assírios, jovens de nossos dias usam como pircing, pequenas argolas de metal na mesma cartilagem, outrora perfurada pelos anzóis da escravidão.

Tenho o anzol como um instrumento que busca tomar de assalto a liberdade de um ser vivo, ou seja, um pequeno artefato, onde a morte e a escravidão são os seus objetivos principais.

Certo dia, li em um carro que passava a seguinte frase: “Ta nervoso, vai pescar”. Confesso que é exatamente o que faço sempre que posso. Com certeza, é um dos momentos que mais aprecio quando busco distração, é estar em um barco, na beira de um barranco ou na areia da praia segurando o meu molinete preferido sempre esperando por um bonito peixe. Recordo-me, com saudade, do meu querido irmão em Cristo, nosso saudoso Magela, no seu rancho à beira do Rio Grande, onde pescamos muitas corvinas a bordo de um dos seus barcos a motor, lembranças que hoje ao recordar me tocam o coração.

Como todo pescador eu tive que aprender a lidar com o anzol, por duas vezes sai da beira do rio e fui direto para o hospital tirar o anzol da mão. A dor é terrível quando se tenta tirá-lo sem anestesia, sem contar o processo infeccioso que se desenvolve rapidamente. Tive que não só aprender o cuidado no seu manejo, como saber o tipo do anzol para cada espécie de peixe.

Sempre quando falo em pescaria, lembro-me de Itaoca, uma pequena cidade do litoral sul do Espírito Santo. Cidade que ainda hoje mantém suas características de ser uma cidade de humildes pescadores. Sem atrativos de cidade grande, ainda hoje, atrai para as suas praias tranquilas e quentes, muitas famílias de férias. Lá passamos férias por vários anos.

Lembro-me também que na primeira vez que lá estivemos nos primeiros dias de pescaria não havia pescado um único peixe. Simplesmente não encontrava resposta para a frustrada pescaria. No final do terceiro dia de tentativas, o sol quase se pondo, vi a silhueta de um velho homem se aproximando em pequenos passos. Não havia mais ninguém por perto e eu já estava querendo voltar para casa que ficava bem perto dali, para tomar um longo banho quente. Ao chegar aquele homem perto de mim presumi, pelas enormes rugas em seu corpo, ser ele um velho pescador a passear pela praia, no frescor da brisa que acompanha o início da noite. Após me observar pescando por uns poucos minutos, perguntou-me sobre o resultado da pesca, o que de pronto respondi. Com voz mansa e segura passou-me algumas dicas sobre como pescar naquelas águas, e assim ele começou

dizendo: você está no local errado, o melhor local está a uns duzentos metros seguindo a praia perto de alguns pinheiros. Lá existe perto da margem um coral submerso, que você identificará por espumas que se formam com o movimento das ondas. Depois me perguntou sobre qual isca eu estava usando, e prosseguiu: a melhor isca é um pequenino peixe chamado olhuda, abundante nestas águas e farto nas redes dos pescadores que todos os dias, logo cedo, são arrastadas às praias. Não satisfeito, completou, após examinar o tamanho dos meus anzóis, aconselhando-me a usar um anzol um pouco menor. Agradei e fui para casa na expectativa da próxima pescaria. No dia seguinte logo cedo fui ajudar os pescadores a puxar as redes, conseguindo assim a isca do velho pescador. Comprei anzóis menores e dirigi-me a praia dos pinheiros. Qual a minha surpresa e alegria, no final da tarde do dia seguinte havíamos pescado cerca de vinte bonitos peixes. Os anos que se seguiram após o encontro com aquele velho pescador foram anos de pescarias muito boas. O anzol certo foi determinante para a nossa satisfação. O certo é que o anzol, por ser uma excelente fiska, é o equipamento de pesca mais usado em todo o mundo.

Em 1997 Deus usou a figura de um anzol para me ensinar uma grande verdade. Eu pastoreava em uma pequena cidade no interior. Lá decidi formar um grupo de crescimento com cerca de oito alunos, composto exclusivamente por recém-convertidos com até dois anos de fé. O meu objetivo era discipular aquele grupo homogêneo tendo como parâmetro o nível de conhecimento bíblico e experiência cristã. Essa seria uma oportunidade valiosa para desenvolver a fé e a visão necessária daqueles novos convertidos para que assim pudessem viver uma vida cristã equilibrada, frutífera e, portanto, satisfatória.

Era um domingo quando anunciei na igreja o início das inscrições para formar esse primeiro grupo de crescimento e logo surgiram as primeiras sete inscrições para esse primeiro grupo. Como o meu alvo era alcançar oito vagas fiquei esperando por alguns dias a oitava e última inscrição, quando fui procurado por uma irmã, desejosa de fazer parte dessa primeira turma, pois dizia ela, nunca ter participado de qualquer tipo de discipulado, só com um detalhe, ela tinha oito anos de convertida. O seu argumento, somado à sua insistência, me levou por aceitá-la, com a recomendação de não se manifestar demasiadamente durante nossas reuniões, já que a sua maior experiência cristã poderia inibir os mais novos de conversão,

ferindo assim um dos meus principais objetivos, que era o de criar um ambiente adequado para que cada um pudesse colocar sem medo e sem embaraço as suas dúvidas e necessidades. A nossa querida irmã, após ouvir com cuidado as condições para a sua aceitação, concordou sem dificuldades. Vi em seus olhos, que aquela oportunidade seria para ela de grande valor, o que mais tarde se comprovou.

Creio que aquele pequeno grupo de crescimento marcou a todos nós. Uma vez por semana parávamos para aprender a andar na presença de Deus. As semanas passavam rápido, o grupo crescia em confiança e no conhecimento dos rudimentos da fé cristã. Em cada encontro abordávamos um tema. Creio que o que vimos e ouvimos ficou gravado em nossos corações.

A assiduidade e o compromisso do grupo foram marcas que fizeram a diferença para aqueles irmãos e irmãs sedentos de Deus. Tal comportamento foi fundamental para os objetivos finais que alcançamos.

Recordo-me que em um dos nossos encontros aconteceu o que eu temia. O tema daquela noite era perdão. Estávamos compartilhando experiências, e até aquele dia a querida irmã não havia se manifestado com tanta importância. Tudo aconteceu quando perguntei se alguém entre eles tinha dificuldade em perdoar e ela de pronto, abrindo o seu coração, em voz alta respondeu: “Eu nunca perdoei o meu marido, eu só o desculpo, porque só quem perdoa é Deus”. Os segundos que se seguiram foram de um silêncio inquietante. O que eu previra estava acontecendo. Tive que manter a calma e a consciência da importância e da seriedade daquele momento. Todos os olhares estavam sobre mim, esperavam que dissesse alguma coisa. Pensei em citar alguns versículos pertinentes, mas logo senti que citá-los resolveria o meu lado, mas será que responderiam as dúvidas daqueles discípulos, que até aquele momento estavam confiantes de que o perdão é um dom divino, e também fruto de obediência à Palavra de Deus? Naquele primeiro momento desejei não ter permitido que a irmã Geralda estivesse conosco. Julguei que principalmente ela, deveria estar cooperando para o fortalecimento do grupo na Palavra e não colocando em dúvida o ensino ministrado.

Uma das experiências mais inquietantes para um pastor é ver o rebanho ameaçado, principalmente em sua estrutura espiritual. A minha maior preocupação não era dar àqueles irmãos uma resposta

teologicamente correta, ou citar tantos versículos quantos eu pudesse me lembrar, tentando com isso dissipar toda a dúvida criada usando a minha experiência, como professor de seminário. Naquele momento estava em risco, com aquela simples colocação, a confiança do grupo na palavra ministrada, pois o ensino sinalizava o perdão como uma prática fundamental de todo cristão no cultivo de sua fé. O momento exigia uma postura firme como ministro da Palavra e atalaia espiritual do rebanho.

É comum procurar ver uma situação que estamos vivendo, sempre do mesmo ângulo e isso, geralmente o fazemos pelo lado que nos é mais cômodo, ou que nos acuse menos. Mas ali estavam oito discípulos apaixonados por Cristo, vivendo o seu primeiro amor, esperando que aquela situação fosse resolvida facilmente pelo seu pastor.

Olhei para aquela irmã e, por um instante vi, pela primeira vez, que ela, por não perdoar o seu esposo estava sofrendo há muito tempo e buscava solução para a sua vida conjugal. Naquele momento pedi a Deus uma palavra que fosse benção para aquela irmã e benção para todos os outros. Ela precisava ser acolhida e não julgada, amada e não repreendida. Ela não estava ali só por estar, simplesmente para completar a oitava vaga de um grupo de crescimento. Ela queria crescer, ser uma verdadeira discípula. Após orar em espírito, Deus me deu a resposta que tanto esperávamos. Como é bom crer e esperar em Deus. Dele vem sempre a resposta que precisamos e a solução na medida certa da nossa dor e da nossa inquietação.

Os minutos que se seguiram nos mostraram o quanto Deus estava próximo daquele pequeno grupo e pessoalmente interessado em responder àquela ovelha, que até aquele momento não havia tido a experiência maravilhosa de perdoar seu marido e parceiro na vida. Naquele momento entendi que o plano de Deus para todo o grupo passava por ela. Nunca esperei tanto na revelação e iluminação do Espírito Santo como nos minutos que se seguiram.

Deus é o nosso socorro bem presente e foi isso exatamente o que aconteceu. Uma cena se desenrolou em minha mente e a relatei ao grupo. Diante dos meus olhos vi como um rio e com uma vara de pescar na mão procurava pescar um grande peixe. Após longa expectativa puxava um valente peixinho. E diante da frustração decidia soltá-lo. Nesse momento, com o peixinho em uma das mãos e

em vez de tirar o anzol da sua boca, com uma pequena tesoura decidia cortar a linha sem tirar o anzol, e devolvê-lo para a água com o anzol preso a sua boca. Nesse momento perguntei à irmã Geralda se aquele peixe, agora solto e de volta ao rio estava livre para nadar ou ficaria esperando que lhe fosse retirado o anzol para depois fugir. A resposta que recebi da irmã foi a de que aquele peixe estava livre. Mas, o que Deus nos fez ver, era que apesar de estar livre ele não estava liberto. Para onde fosse o anzol estaria preso à sua boca, impedindo-o de levar uma vida normal. Nesta hora falei exatamente o que Deus havia nos mostrado. Toda vez que ela não perdoava o seu esposo e sim o desculpava, cortava a linha presa ao anzol, sem retirá-lo. Seu esposo saía da sua presença, levando consigo o peso da sua culpa, por não ter sido perdoado ou pela falta cometida, sempre estando preso a ela pela dor e não por provas de amor decorrentes do perdão. Do perdão, que restaura relacionamentos, que liberta a alma, que cura o corpo e dá vida ao espírito.

O certo é que vivemos dias difíceis, dias proféticos, dias em que a igreja deve se preparar para enfrentar lutas espirituais decorrentes de um mundo que se prepara para o surgimento do anticristo. Infelizmente, as caixinhas de promessas, que hoje também alcançam os púlpitos de nossas igrejas, não constam mensagens que possam preparar o nosso povo para os dias que virão. Dias em que a igreja, como no passado, vai ser levada a clamar e a evangelizar em toda a terra.

XIV

RESPONSABILIDADE PRODUZ QUALIDADE

Para muitos pastores e pregadores, a expectativa remota do arrebatamento da igreja tem levado a se preocuparem muito mais com os meios do que com o fim. Não importa como o rebanho se apresentará naquele dia, o que importa é que a obra não pare; que os projetos não cessem, e que a igreja não pare de crescer. Esqueceram-se de que o rebanho não é deles e que cada ovelha tem o sobrenome do seu dono. Isso para não dizer de que cada pastor dará contas a Deus do cuidado que tiveram com um rebanho que foi comprado com

o sangue do seu próprio filho. O próprio Deus se dirigindo a Pedro lhe diz “Apascenta as minhas ovelhas! Jo 21.17, Jesus com isso está dizendo para muitos obreiros hoje que essas mesmas ovelhas continuam sendo dEle e que nunca serão nossas.

Acredito que estamos vivendo dias em que ventos de doutrina têm encontrado clima e ambientes favoráveis para se desenvolverem no seio da igreja do Senhor. Essa é uma realidade que não escutamos com frequência. Nem todos os que oram, os que cantam, os que dizem e são assíduos na igreja entrarão para as bodas do cordeiro, simplesmente por não conhecerem o Pai nem a sua vontade. Não basta ser somente adorador, patrocinador ou proclamador, temos que ser antes de tudo discípulo, ensinados e treinados para sermos simplesmente servos e não determinadores a um Deus submisso.

Corramos de volta à Palavra enquanto é dia. A hora é séria e Satanás arregimenta suas forças espirituais no trato das coisas mundiais.

Nossos olhos teimam em não ver os pingos de fogo, os mesmos pingos de chuva dos dias de Noé. Sinais proféticos de frieza, rebelião, e incredulidade já são visíveis no seio da igreja. **“Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; 2 Timóteo 4:3**

Preguei recentemente sobre a experiência de Jonas mostrando as diversas formas que Deus usou para declarar a sua vontade em uma hora decisiva. Deus não só enviou Jonas, Ele moveu céus, terra, mar e até vermes para ensinar ao seu servo a importância do cumprimento da sua vontade, por isso, o Senhor lançou sobre o mar um forte vento, e fez-se no mar uma grande tempestade; também preparou o SENHOR um grande peixe, para que tragasse a Jonas; fez também o SENHOR Deus nascer uma planta, que subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra sobre a sua cabeça. Mas, também no dia seguinte, ao subir da alva, enviou um verme que matou a planta; logo depois mandou um vento calmoso oriental onde o sol bateu na cabeça de Jonas, de maneira que desfalecia.

Pelo exemplo de Jonas, hoje nós também não estamos interessados nos sinais proféticos de Deus que confirmam as profecias para o nosso tempo. Estudamos as profecias já cumpridas, sabemos das profecias futuras, mas estranhamente não estamos nem aí para as

profecias que agora estão se cumprindo, quando na verdade respiramos ares proféticos e, inúmeras delas estão acontecendo agora no mundo. E nós, a igreja? Será que no fundo não queremos só viver o hoje, o agora ou quem sabe acovardados sobreviver até que Cristo volte? Mas, e a missão, e o Reino, e o ser fiel até a morte, e o entregar o caminho ao Senhor, e o ir por todo mundo e fazer discípulos e não só fazê-los membros, e o orar pelos que nos perseguem, e o perdoar a quem nos tem ofendido, e a Palavra? Será que muitos de nós não estamos em uma busca desenfreada atrás das bênçãos de paz, segurança, saúde e mais dinheiro para pagar as contas?

A palavra bem-aventurado, ou seja, feliz, vem do grego, makarios, que quer dizer “felicidade que vem de dentro”, não superficial ou passageira, felicidade que não está somente na busca ou conquista de coisas que nos satisfazem, na sensação de prazer e conforto. Ap 1.3 diz: **“feliz é aquele que lê, ouve e guarda a Palavra, pois o tempo está próximo”**. No propósito de Deus, ler, não é comprar; ouvir não é conquistar; como guardar não é possuir tesouros na terra.

Em Mateus, Jesus no monte passou a ensinar as multidões dizendo que a felicidade ou o ser feliz é ser pobre de espírito, que os que são felizes, são os que choram, que felizes são os mansos e os que têm fome e sede de justiça, que os felizes são os misericordiosos, felizes são os humildes de coração, felizes são os que choram querendo justiça, que felizes são os injuriados e perseguidos por causa de Cristo. Termina dizendo, para que exultassem e alegrassem em meio à luta porque o nosso galardão está nos céus. Que distância enorme do evangelho pregado por Cristo para o que vivemos e pregamos em nossos dias. Quão distante estamos do verdadeiro ensino. Por isso não é de admirar que tantos hoje, não conhecendo as consequências não consigam perdoar.

Muitas pessoas como a irmã Geralda estão lotando nossas igrejas. São crentes de bom coração, mas vivem longe de uma vida cristã satisfatória. Sofrendo, amando, contribuindo, são muitas vezes freqüentes, mas, nunca alcançam a maturidade no seu relacionamento com Deus, com o próximo e no desenvolvimento dos seus dons. Conscientes disto ou não, estas são vidas sob a responsabilidade de pastores que deveriam estar conduzindo-as às águas puras e pastos seguros da Palavra de Deus.

Infelizmente milhares de cristãos hoje se encontram carentes, sedentos de paz, de afeto e segurança, e esse quadro tem sido verdadeira tentação para muitos pregadores descuidados em busca de ovelhas carentes de atenção e cuidado com as quais possam se alimentar. O caminho do discipulado verdadeiro é substituído pela estratégia da dissimulação e do disfarçar da dor pela negação da realidade.

Quantos anzóis presos no coração de pessoas que tanto amamos. Quantos crentes vivendo como peixes com anzóis em sua alma, sofrendo pela falta de coragem, ou de amor de muitos que se dizendo cristãos andam com tesouras a cortar linhas, magoando e sendo magoados. Sem cuidado, desatentos, como se fossem únicos, saem lançando anzóis em corações alheios. Verdadeiros pescadores de almas, causadores de dor, escravidão e morte.

Aquele pequeno grupo de crescimento amadureceu. A querida irmã Geralda, hoje perdendo o seu marido, continua na presença do Senhor.

A Verdade é por si suficiente, e mediante o seu conhecimento e aceitação é um instrumento poderoso para desfazer todas as obras do diabo, obras estas operadas no passado, no presente, e no futuro de quem quer que creia nelas.

Sabemos que maldição existe, a Bíblia registra isso. Mas creio que a Palavra de Deus existe e é infinitamente mais poderosa para quebrar, anular e destruir todas as forças do inferno, na vida de todo aquele que crê em Jesus como seu único e suficiente salvador. É o próprio Deus, que diz: **“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”**. Esta é uma declaração e uma afirmação da qual nenhum homem ou mulher cristã deve duvidar. Portanto o ensino da Palavra de Deus na Escola Dominical, ou em outra reunião pertinente é um dos momentos mais importantes na vida de uma igreja, seja ela pequena ou grande, pois determinará, com certeza, os resultados permanentes na vida de toda uma comunidade. A prioridade do ensino deve ser prioridade na vida ordinária de qualquer igreja, negligenciá-la é condenar os fiéis a mediocridade de uma vida cristã frustrada e improdutiva.

O AMOR QUE LIBERTA

Vejo que está chegando a hora em que muitos sentirão a necessidade de procurar águas mais limpas que jorrem diretamente da fonte, pois isso significará estar no centro da vontade de Deus ou não. Ensinos, mensagens, pregações que realmente digam o que Deus disse e o que Ele quer dizer. Isso aconteceu no passado **“anunciaram falsamente em meu nome palavras que não lhes mandei dizer; eu o sei e sou testemunha disso, diz o SENHOR”**. Jr 29.23

Quanto mais nos afastamos da fonte, mais fica comprometida a qualidade da água que queremos beber. Logo, é imprescindível que estejamos bebendo diretamente da Palavra de Deus, procurando discernir, o que é vontade divina, do que é vontade humana e diabólica, para que possamos dar a estas três dimensões os valores correspondentes.

A Palavra de Deus é única, mas a sua interpretação cada um pode ter a sua, esse é um privilégio e ao mesmo tempo um grande perigo que corre todo aquele que não estiver sendo bem discipulado. Com toda certeza este terá dificuldades em determinar a conduta certa frente aos desafios, situações e propostas que lhes são oferecidas logo após a conversão. Essa dificuldade de discernimento e ação tem levado muitos irmãos a viverem e a se acostumarem longe da simplicidade do evangelho. Creio que, o mesmo Espírito que iluminou a Martinho Lutero frente as suas inúmeras perguntas, dando início à Reforma da Igreja, também iluminará a todos quantos, sinceramente desejarem beber de fontes limpas, não contaminadas por ensinamentos carregados de interesses temporais, que não apontam para a vida, para o perdão.

Quantas outras Geraldas e Geraldos vivendo com a sua dor de não conseguir perdoar, ou de não serem perdoados por anos a fio em nossas famílias e igrejas.

Anzóis da alma podem ser os anzóis da angústia, da tristeza, do desprezo, da decepção e discriminação ou outras tantas dores, causadas muitas vezes por pequenas palavras ditas sem amor, ou fora de tempo, ou grandes ofensas desferidas sem causa. Sentimentos que

geram dor, que sangram ao mexer, que incomodam somente em lembrar, enfermidade na alma que o tempo não cura.

Muitos irmãos permanecem presos como anzóis nas memórias de outros irmãos e irmãs, almejando o perdão pelas faltas cometidas. Verdadeiros escravos da própria alma. Andam em busca do bálsamo chamado perdão só encontrado nos corações daqueles que verdadeiramente sabem de quem são discípulos e por isso carregam o dever de perdoar. Pequeno ou grande, anzol é anzol, assim como pecado é pecado, e só podem ser removidos pelo amor que perdoa, instrumentalizado pelo Espírito Santo de Deus.

O Amor de Deus por nós e por toda humanidade é apresentado em Jo 8.3-11, como um amor que perdoa, que liberta, amor este superior à lei: **"Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos, disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes? Isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo. Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra. E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava. Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tão pouco te condeno; vai e não peques mais".**

Nesse texto, encontramos homens religiosos, imbuídos do desejo de purificar o povo sendo zelosos à lei. Nesse propósito, é trazida uma mulher "surpreendida em adultério". A lei determinava que a mesma fosse apedrejada. Com certeza, tudo estava preparado para que tal sentença fosse aplicada sem demora. É de impressionar como pessoas no passado bem como no presente se apressam em expor, acusar, julgar, condenar e sentenciar alguém a quem primeiro

deveriam amar, perdoar, aconselhar, ensinar, exortar, e mesmo corrigir, antes de clamar pela justiça divina.

Tem sido considerado mais fácil sentenciarmos nossos faltosos à geladeira sujeitando-os à humilhação de ficarem à margem da comunhão e da amizade da comunidade. v.11 **“Nem eu tão pouco te condeno, vai...” disse Jesus àquela mulher**". A atitude de Jesus não só surpreendeu os religiosos do seu tempo, como hoje nos ensina que o amor, a misericórdia e o perdão devem também exceder as “nossas justiças e direitos”. De réu de morte a uma mulher livre, em filha do Deus altíssimo, simplesmente pelo perdão ministrado com amor. Esse é todo o sentido prático do perdão que Jesus ensinou e quer que pratiquemos. É o perdão que deixa ir, que não corta somente a linha, é o que diz: **vai**.

Vai, você está perdoado(a), não há mais dívida nem culpa entre mim e ti. Esse deve ser o verdadeiro perdão praticado e ensinado em nossas igrejas. Esse é o perdão que nos falta.

Jesus não veio a este mundo para julgar quem quer que seja, veio antes, perdoar, salvar e ensinar o perdão João 3:17: **“Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele”**. Logo, somos testemunhas de um Senhor e Deus essencialmente perdoador.

Perdoar não é esquecer, apagar da memória, é sim ser liberto dos seus efeitos para libertar outros.

Muitas vezes buscamos razões e explicações que justifiquem ou não o nosso perdão. Geralmente alguns não gostam de perdoar qualquer pessoa, por qualquer coisa.

O perdão quando acontece, tem na maioria dos casos um preço, prova disso é o cuidado que geralmente temos de não o darmos de forma que fira a nossa auto-estima, o nosso amor próprio.

Sentimo-nos tão donos de nós mesmos e de nosso perdão, que perdoar sete vezes no mesmo dia a um irmão é demais para nós, como o foi para os discípulos: Lc 17.4,5 **“Se, por sete vezes no dia, pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe. Então, disseram os apóstolos ao Senhor: Aumenta-nos a fé”**.

Reconheço como pastor, que por muitos anos, fui eu mesmo mais zeloso do que amoroso e muitas vezes ensinei o meu rebanho a também sê-lo, a orar pedindo a Deus amor para perdoar em vez de

dizer simplesmente como Jesus: vai, vai, vai. Mas, ainda há tempo de mudar, e estou mudando.

Não há dúvidas de que a energia que gera o perdão verdadeiro vem do Espírito Santo. Se pela Palavra de Deus somos exortados a perdoar, pelo seu Espírito somos impulsionados, encorajados a fazê-lo. Não há como fugir da responsabilidade de já perdoados de tão grande dívida não perdoarmos a quem está ligado a nós pela dor. Mateus 32,33 **“Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti? ”.**

O Evangelho de João no capítulo 21 registra um dos momentos mais marcantes na vida e ministério do apóstolo Pedro. O texto apresenta os discípulos ainda sob impacto da morte do mestre. Não é difícil sentir a dor de Pedro enquanto preparava o barco e as antigas redes de pesca. Ele estava preso a Jesus, não só pela sua admiração e amor, mas, também, pela dor da traição. Havia traído a quem prometera ser fiel ainda mais que os outros. Para Pedro o mar e as redes certamente amenizariam aquela angústia persistente, aquela culpa que não queria deixá-lo. A brisa do mar quem sabe distrairia a tristeza.

Também não é difícil encontrarmos pessoas, como o apóstolo Pedro, procurando o que fazer para distrair a dor, disfarçar a culpa, esconder a tristeza de ter falhado, decepcionado, traído. Pedro fizera do mar e suas redes o seu lugar de refúgio. Quem sabe você mesmo também esteja se escondendo, ou distraindo a dor. Pedro precisava ser perdoado.

Pelo perdão que liberta e que diz: vai. Jesus sabia que na alma de Pedro existia um anzol que só Ele poderia tirar. Jesus também sabia que o mar e o velho barco de Pedro não poderiam sarar a ferida da sua alma nem a angústia do seu espírito. Aquela ferida só sararia com o bálsamo do amor. Só o perdão devolveria a confiança e a intrepidez que tanto fizeram a diferença na vida daquele discípulo amado.

Aprendemos com Jesus que o verdadeiro amor não espera, vai atrás, e foi isso que Jesus fez. Jesus sabe que o tempo não perdoa pecado e nem tira anzol, por isso, o mestre vai ao encontro de Pedro e ao vê-lo pescando, logo estabelece a base do perdão que Pedro tanto

precisava, perguntando: **“Pedro tu me amas? ”**, João 21:15 **Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Ele lhe disse: Apascenta os meus cordeiros.**

A cura do apóstolo estava condicionada à manifestação do amor, por isso considero o amor como a essência do perdão, é nele que o perdão nasce, se concretiza e nele permanece. João 21:17 **“Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas”**. Jesus perguntou três vezes para apagar o efeito psicológico e fechar as brechas espirituais das negações de Pedro. Nesse momento, céu e inferno foram testemunhas da restauração da alma de Pedro. Já não havia mais a força do anzol que fere a alma, que prende e sim o poder do amor, o poder do perdão que diz: **Vai e “pastoreia as minhas ovelhas”**.

Jesus não esperou que Pedro o procurasse arrependido e humilhado para lhe pedir perdão como geralmente esperamos. Jesus foi ao encontro daquele que o deixou e o traiu, na hora que mais precisava. Pedro, para Jesus, era mais do que um cooperador na obra, era um discípulo, e como discípulo teria que aprender uma das mais importantes doutrinas do evangelho, perdoar.

Como Pedro, todo homem aprendeu a pecar e tem agora que aprender em e com Jesus, a perdoar.

XVI

PERDÃO E CORREÇÃO

“Tende cuidado de vós mesmos. Se alguém pecar contra ti, repreende-o” Lucas 17.

O pecado mereceu total atenção desde os primeiros dias da Igreja. O evangelista Lucas, no texto acima, mostra isso claramente quando pediu para que todos os irmãos estivessem prevenidos caso

alguém viesse a pecar contra eles, deixando orientação quanto ao procedimento a ser adotado caso isso ocorresse.

Quando hoje, alguém na igreja, é tido por faltoso contra outro irmão podemos observar alguns procedimentos. Infelizmente vai depender do grau da ofensa, quem ofendeu ou contra quem foi a falta, bem como outros fatores, como o valor do dizimo ou o cargo que ocupa na Igreja. É pouco provável que o ofensor seja levado a um conserto, mediante pedido particular ou público de perdão, ou mesmo não levar a nada.

Lucas, nesse texto nos adverte a não deixar sem confrontação qualquer ofensa desferida contra nós mesmos.

Quando negligenciamos essa orientação bíblica corremos o risco de sentirmos os efeitos nocivos da falta de disciplina em uma comunidade de fé sem nos esquecermos que um pouco de fermento leveda toda a massa.

A grande maioria dos cristãos não sabe do terrível impacto que a mágoa e o ódio podem causar na vida de outras pessoas, por isso por vezes não os combatem de forma efetiva em seu próprio coração.

O fato é que Satanás pode nos usar para fazer a sua vontade de matar, roubar e destruir pessoas que nos rodeiam, e muitas vezes isso acontece sem que a pessoa usada o perceba.

Vemos em I João 3.15 "**Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino...**". Pode parecer exagero, mas pela Palavra é possível matar alguém só com o sentimento, sendo o ódio a arma do crime. O cristão dessa forma é considerado cúmplice de assassinato moral, espiritual, psicológico e até físico não pelas leis dos homens mas, pela lei do Senhor.

Encontramos nos Salmos 4:4 "**Irai-vos e não pequeis; consultai no travesseiro o coração e sossegai**" e Efésios 4:26 "**Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira**". Deus nunca proibiu o homem de ficar nervoso, ou aborrecido, mais o proibiu de deixar os seus nervos o dominarem, gerando sentimentos que dessem direito legal a Satanás de agir, podendo com isso causar toda sorte de problemas quer físico, emocional ou mesmo espiritual. Nesse processo encontramos pessoas sofrendo sem saber a origem do sofrimento, podendo sua causa ser eu, você ou qualquer um que não atente para essa verdade.

Não é à toa que Jesus deixou tantos mandamentos para nos perdoarmos. O ódio só é vencido pelo amor e pelo perdão. Para isso devemos orar como Davi, Salmo 51.10 **"Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável"**. Só pela atuação do Espírito Santo no coração do homem pode-se garantir vitória sobre sentimentos tão danosos para a vida humana. Se alguém está se sentindo atacado pelo sentimento maligno de alguém, peça a Deus proteção contra esse sentimento e anule pela fé e oração toda a sua força contra a sua vida. Efésios 6:16 **"embraceando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno"**.

Por isso Deus nos adverte a repreender aquele que nos ofendeu, e não só perdoá-lo como sempre fomos ensinados e ainda hoje o somos. Mas o que é repreensão? No dicionário, um dos significados pertinentes a este estudo é a palavra admoestação. Isso quer dizer que, antes de haver o perdão tem que haver o ensino pela exortação em amor. Chamo isto de discipulado de excelência. Creio que o que está em tratamento não são apenas as partes envolvidas, mas toda a igreja. Pois o tratamento exemplar, em repreender biblicamente e prontamente ao faltoso, certamente o corrigirá e será dado testemunho, de que o pecado de um só, pode, não havendo correção, contaminar toda a comunidade.

Perdão sem ensino e correção, pode levar o rebanho a seguir o caminho da infantilidade, da impunidade e da hipocrisia e é exatamente isso que tem acontecido em muitas igrejas que não têm no discipulado de excelência sua ferramenta mestra, nem a Palavra de Deus como prioridade na formação do caráter cristão dos seus membros.

O ensino passa pela repreensão, mas isso, com certeza, para muitos, está fora de moda. Igreja moderna não trata de assuntos pessoais, dizem, o foco é o geral, não o particular. O pensamento pós-moderno é que a Igreja é que tem que ser edificada não o indivíduo. Com isso continuamos sem perdão e sem perdoados. Até quando?

Com certeza muito ainda precisamos aprender sobre o perdão que aqui não tratamos. A você peço que me perdoe se por acaso toquei em alguma ferida que ainda dói, mas com certeza após ler esse pequeno livro você terá uma boa oportunidade de ser curado e definitivamente liberto.

A verdadeira libertação passa pelo conhecimento da Verdade e pela compreensão das forças que operam no coração do cristão. Elas são explicadas pelo apóstolo Paulo, quando diz que o fato de sermos cristãos, não nos liberta de vivermos segundo condições humanas, ou seja, estamos sujeitos a fraquezas, limitações e erros. A vida cristã é na verdade uma batalha contra o pecado. Essa batalha de conflitos é travada em todas as esferas humanas quer física, espiritual ou psicológica.

XVII

A BATALHA DE TODO CRENTE

Compartilhei anteriormente sobre as fortalezas que podem dominar nossas mentes. Descrevo nesse capítulo em detalhes o testemunho do apóstolo Paulo da sua própria batalha interior contra o pecado e dos ensinamentos que nós, igreja dos últimos dias, podemos aprender.

Paulo nos revela a sua incansável luta espiritual, ele a descreveu em Rm 7.14,23 **"Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto. Ora, se faço o que não quero consinto com a lei, que é boa. Neste caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim. Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros"**.

Creio que o conflito entre perdoar e odiar, dentro dessa batalha interior pode ser tão intenso que as pessoas envolvidas, cristãs ou não, nem cheguem a ponto de compreender porque agem de determinadas formas. Muitos cristãos quando examinam a sua consciência, chegam a odiar o que estão fazendo, mas, no entanto, são levados a praticar ou continuar fazendo aquilo que deveriam

aborrecer. Alguns, por falta de conhecimento da Verdade e de suas consequências, procuram pela indiferença, isto é, nem perdoar nem odiar. Creem que assim fazendo irão manter a sua consciência livre da dor e da culpa. Tais cristãos, na realidade, não conseguem compreender que só através do perdão poderemos ver a Deus. A vitória contra o pecado de não perdoar, se materializa, quando a vontade do crente de servir ao seu Senhor o direciona ao Espírito Santo, que mediante a sua atuação, reduz a força da nossa natureza, dando assim vitória do perdão sobre o ódio e a indiferença, bem como outros sentimentos ou hábitos "dominadores".

Essa luta espiritual nem sempre é concluída com vitória, já que muitos tentam ajudar a si mesmos diminuindo o seu conceito de pecado, onde o não perdoar pode nesse caso ser chamado de um simples "mal entendido".

Se quisermos enfraquecer as ímpias formas de pensar e agir que constituem em empecilhos à nossa saúde física, emocional e espiritual, precisamos compreender a estrutura delas em nossa mente. O aspecto mais importante dessa batalha espiritual entre fazer a vontade de Deus, que ensina a perdoar, e fazer a nossa própria vontade, que muitas vezes resiste em fazê-lo, é achar e anular as fortalezas inimigas que foram edificadas no decorrer de toda vida em nossa mente.

Por meios dessas fortalezas quando são estabelecidas em nossa mente, Satanás pode obter o controle de o nosso pensar, nos levando a derrotas e até mesmo nos usar para derrotar outros. Para que isso não aconteça precisamos conhecer essas fortalezas e saber quais são as armas poderosas em Deus para destruí-las. Em 2 Co 10.3,5 Paulo fala dessas fortalezas *"Porque as armas da nossa milícia não são carnaís, e sim poderosas em Deus, para **destruir fortalezas**, anulando nós **sofismas** e toda **altivez** que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo"*.

Para melhor entendermos isso, Paulo menciona duas muralhas de defesa dessas fortalezas: "sofismas" e "toda altivez" e essas formas de sentir estão diretamente associadas a nossa alma.

Satanás consegue edificar em nós essas fortalezas, as quais são formas de conduta que foram implantadas quando ainda éramos escravos do pecado, e potencializadas no decorrer dos anos, quando não somos devidamente instruídos em toda Verdade de Deus.

Quando alguém se converte, muitas dessas práticas pecaminosas são destruídas, já algumas persistem e, se não forem identificadas e bem tratadas por um trabalho de discipulado eficiente logo podem se tornar nessas fortalezas mencionadas por Paulo.

O Diabo e suas hostes, sempre buscarão reforçar esses pontos de contato em nossa mente, criando situações de conflito que tentarão desviar a nossa atenção do propósito de Deus, procurando tão somente cegar o nosso entendimento espiritual impedindo, assim, que usemos com autoridade espiritual as armas poderosas em Deus para destruir essas fortalezas.

Tais fortalezas são, na verdade, resultado da atuação de Satanás e são caracterizadas por serem de difícil remoção, absurdas, sem sentido e não há lógica para tanto domínio. São incontroláveis, condutas que nos dominam como um mau gênio, dificuldade em dizer a verdade e mesmo dizer "te perdô". São também contraproducentes, podem parecer que nos ajudam como calmantes, alcatrão, álcool, drogas etc., mas, na verdade, nos escravizam, e por fim, nos frustram, nos tornando cada vez mais fracos e as fortalezas mais fortes.

As fortalezas encravadas em muitas mentes estão posicionadas como cidades fortificadas. O seu centro é uma prisão bem fortificada, onde perniciosas formas de pensar nos mantêm prisioneiros (as), como o medo, inferioridade, rejeição, mentira, hipocrisia, vícios, ódio, inveja, violência, prostituição, etc.

A primeira muralha de defesa dessas fortalezas são os sofismas, isto é, desculpas que se apresentam em forma de raciocínios, imaginações, especulações, racionalizações. Na verdade, são desculpas que damos para justificar os nossos atos e costumes. Defendemo-nos fugindo da Verdade de Deus e apresentando as nossas verdades, nossos motivos, que tentam justificar os nossos erros perante os outros e mesmo perante a nossa consciência.

Quanto mais ruminamos sobre o que nos deixou com raiva, mais "bons motivos" e justificativas podemos inventar para ficarmos com raiva. Essa ruminação alimenta as chamas da raiva que faz nascer o ódio consumando assim o pecado.

Só o poder do Espírito Santo anula sofismas. Temos que reaprender a viver a fé grão de mostarda em Deus, procurando não usar os recursos do entendimento humano, mas o de entregar e confiar o nosso eu ao Senhor.

A segunda muralha de defesa das fortalezas, Paulo apresenta como sendo "toda altivez": que significa orgulho, soberba, arrogância. Essa linha de defesa impede que a Verdade de Deus penetre na mente humana e anule a sua força, fazendo a pessoa experimentar a libertação sobre o pecado que o domina pelo simples conhecimento e entendimento da Verdade.

O orgulho é o medo das pessoas saberem o nosso problema, a nossa fraqueza, questionando assim a nossa fé. A soberba é a defesa do medo de ser diminuído, já a arrogância é a defesa pelo ataque, diminuindo a quem nos questiona. Tais sentimentos de aparente defesa são na verdade muralhas, as quais impedem o Espírito Santo de atuar na cura de quem precisa da sua graça libertadora. Provérbios 28:13 **“O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia”**.

Só pelo poder da Palavra e do Espírito Santo essas muralhas humanamente impossíveis de serem derribadas cairão por terra. Não temos que temer o ridículo e a humilhação. Pelo clamor, oração e confissão podemos enfraquecer o poder do inimigo que opera em nossas mentes, e **"depois de vencer tudo permanecer inabaláveis"**.

XVIII

ANZOIS DA ALMA

Quando criança, apesar dos anseios de minha mãe, ia de vez em quando pescar com meus amigos no lago a alguns quilômetros de nossa casa. Hoje, já casado e com um casal de lindos filhos, fica fácil programar com o Felipe uma ida ao pesque-pague mais próximo. Já não precisamos mais programar com tanta antecedência. É só pegar o carro, e em poucos minutos, estamos diante de alguns tanques repletos de peixes famintos, esperando que alguém lance na água um pequeno grão de ração para que seja disputado por dezenas deles. É comum nesse método de fisga estimulada pegarmos peixes com anzóis presos em sua boca. Isso acontece quando um pescador perde o peixe pelo rompimento da linha. Na maioria das vezes o pescador simplesmente substitui por outro anzol e a sua pescaria continua, sem que ele tenha a menor preocupação de que aquele peixe, agora longe

dos seus olhos, terá sua existência prejudicada, por um anzol perdido e já esquecido, fruto de uma tentativa de fisga mal sucedida.

Hoje, quantos anzóis perdidos, presos na memória e no coração de tantas pessoas. Fruto de alguma palavra ou ação que magoou e feriu quando um simples “me perdoe” poderia resolver. Verdadeiros anzóis na alma, anzóis que causam diversos males tanto na alma, como no corpo e no espírito. Para essas feridas por vezes é dado ao tempo o fator de cura. “O tempo cura tudo”, dizem alguns, mas eu posso afirmar, que o tempo não cura tudo nem tira anzol. Só o perdão liberta. São com as mãos e com cuidado que se liberta um peixe preso por um anzol, devolvendo-o à vida e a liberdade.

Gostaria que você analisasse o seu coração, e sentisse a sua consciência, procurando algum anzol perdido na alma de alguém que você feriu, há pouco tempo ou há muitos anos. Ou alguém que te magoou, ofendeu, humilhou, e você só conseguiu desculpá-lo dizendo que já esqueceu. Ou será que na verdade você preferiu, ou só conseguiu cortar a linha. Não teve força ou coragem para usar o poder curador chamado perdão.

Não importa, é preferível a dificuldade, a luta e o esforço para perdoar e ser perdoado, do que o medo e a covardia de cortar a linha e ficando assim ligado a alguém eternamente pela dor. O perdão é bíblico, por isso, é fundamental perdoar, é necessário e faz parte da vida e do amor cristão. Muitos têm medo da dor que podem sentir ou mesmo causar, quando o caminho apontado é o perdão. Jesus Cristo, o nosso maior professor, nos ensinou a perdoar, perdando. Ele mesmo sentiu todos os medos e todas as dores decorrentes do perdão. Jesus é o maior perdão já concedido pelo maior preço já pago, e o preço ele pagou com a própria vida. O resultado foi a nossa total e completa salvação.

O não perdoar é sinal de fraqueza e não de independência e coragem. Quem assim age verdadeiramente ainda não conhece a Deus.

Recordo-me de um grande amigo. Convivemos muitos anos da infância até a mocidade. Por eu ser sanguíneo, as brincadeiras faziam parte da minha personalidade. Até que certo dia, chateado por não aceitar algumas delas, o meu melhor amigo me procurou dizendo que algumas das minhas brincadeiras magoavam. Foi um choque ouvir aquilo de alguém tão próximo. Foi difícil reconhecer, que justamente

eu, fosse um pescador descuidado lançando meus anzóis em corações amigos, sem a consciência da dor que eu estava causando. Logo percebi que as minhas orações somadas aos meus díizimos e ofertas não iriam resolver a inquietação que se instalara no meu coração. A única solução era retirar os anzóis na alma do meu melhor amigo com as minhas próprias mãos. O meu pedido de perdão restaurou a nossa amizade que já dura a mais de quarenta anos. Naquele mesmo dia pedi ao Senhor Jesus que colocasse guardas à minha boca, para que não mais produzisse anzóis perdidos nos corações de pessoas próximas e que me amavam, ou qualquer outra pessoa que se aproximasse de mim e eu delas. Creio que fui ouvido em meu pedido, pois fiquei mais responsável em minhas brincadeiras.

O perdão eficiente é aquele liberado pelo amor e pela obediência à Palavra de Deus. Se amar é o caminho, logo, perdoar é um dever. Para perdoar basta obedecer e corresponder ao amor de Deus. O amor não só lança fora o medo, como também a covardia, a vergonha, os preconceitos, o egoísmo, o ego ofendido, ou o direito de resposta. Após obedecermos no perdão, devemos nos considerar servos inúteis, pois cumprimos simplesmente o que nos foi ordenado. Alguns esperam louvores e reconhecimento quando perdoam, os que assim esperam não sabem exatamente o tamanho da sua dívida já perdoada com Deus.

Nos meus agora trinta e três anos de ministério, em vinte e cinco deles, eu e a minha querida esposa, trabalhamos com casais, em encontros e palestras. Sempre que posso, apresento três expressões que não podem faltar no relacionamento do casal: eu erre; me perdoe; eu te amo. Essa é uma receita infalível de como evitar anzóis perdidos na alma e no coração de pessoas que se amam.

Anzóis foram feitos para serem retirados, por isso foram fabricados para sempre voltar às mãos daquele que o lançou. É comum em nossos dias, encontrarmos pessoas, que anseiam pelo perdão de alguém, quem sabe você, que lê estas poucas linhas, tem desejado também ser perdoado (a), ou precisa perdoar.

Quantos hoje choram por libertação esperando que a sua angústia seja trocada, por um momento de concerto, libertação e paz. Vemos isso quando muitos não têm dormido um sono reparador por não terem a paz oriunda do perdão. Sl 4:8 **“Em paz me deito e logo pego no sono”**.

Jacó e Esaú experimentaram a maravilhosa experiência do perdão após vinte anos de separação Gn 32. 3,4,10. Durante todo esse tempo, Esaú foi alimentado pelo ódio e desejo de vingança e Jacó pelo receio e medo. Ambos carregaram durante boa parte da vida suas marcas, seus anzóis, suas diferenças. Só o perdão restaurou a paz entre aqueles dois irmãos.

Lamentavelmente muitos agora estão brincando com os sentimentos das pessoas que elas mesmas magoaram, como se ao fazê-lo não doesse ou se importassem. Quantas comunidades de fé cheias de pessoas compartilhando fofocas, calúnias, difamações lançadas ao vento. Anzóis arremessados para todos os lados, sem nenhuma obrigação que leve ao arrependimento. Não aprenderam o sentido do arrependimento na dimensão saradora e restauradora do perdão. Posturas como estas, são reflexos de um evangelho superficial, diluído com água e açúcar. Desprovido de autenticação do céu. Chego à conclusão de que muitos dos cristãos modernos podem estar sendo alimentados com ração de engorda e de reprodução, não de crescimento e amadurecimento. O verdadeiro alimento, mata a sede do espírito, quebranta a alma, satisfaz o corpo, produzindo frutos dignos de arrependimento.

Crentes de dura cerviz, não servem para servir, “**não pode ser meu discípulo**” disse Jesus várias vezes, Lc 14:26,27,33 **Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo. Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo.** Na verdade, ser discípulo não é tão fácil como querem e titulam alguns. Jesus foi muito criterioso ao determinar condições claras para aqueles que queriam ser mais do que simples adoradores ou membro de alguma igreja local. Tinham como modelo aprenderem também a perdoar.

O Apóstolo Paulo advertiu aos crentes da igreja de Corinto que ainda não tinham o discernimento espiritual em algumas realidades espirituais: “**por isso há entre vós muitos fracos e doentes**” disse ele em I Co 11. Hoje, vendo a caminhada do povo de Deus, observamos também muitos fracos e doentes. Como é sério ver tantos irmãos (as) ziguezagueando à procura de algo, “**cansados e sobrecarregados**”,

quando a resposta é simplesmente Cristo. Outros sem forças espirituais, emocionais e também físicas sentam-se à beira do caminho, isso quando não encontramos alguns voltando ao seu estado anterior. Com isso ganham os anzóis, a dor, as enfermidades, a morte e perdem o amor, o perdão, a liberdade e a vida.

A experiência da libertação pelo perdão quer pelo aspecto espiritual, emocional e físico é algo que não tem preço. Com certeza é uma das experiências mais profundas e prazerosas da vida humana.

Certo dia estava dizendo sobre o quanto é gostoso um pão fresco, recém-saído da padaria. Entretanto, chamou-me a atenção em um programa de televisão, quantas receitas gostosas podemos fazer com pães dormidos. Mas, em relação à Palavra de Deus, ao genuíno alimento espiritual, o maná do céu, Deus não permitiu que guardassem do pão para outro dia. Israel deveria comer o maná diariamente, sempre novo. Defendo que a igreja e o mundo precisam urgentemente da Palavra profética vindo diretamente da padaria de Deus e não de um armário de pães dormidos, mensagens sem qualidade, algumas impróprias para o consumo cristão.

Todo bom padeiro acorda de madrugada, se quiser dar aos seus clientes, pães frescos logo cedo. O padeiro que não faz isso perde a freguesia para a padaria que produza pães com qualidade. Deus não permitiu que Israel se alimentasse de maná dormido. A porção era individual, suficiente e diária. Nosso Deus é a quem chamo de um bom padeiro, logo pela manhã o maná já estava disponível. Durante os quarenta anos nem um só dia o povo comeu rabanada de maná.

Quantos pastores e Igrejas produzindo mensagens dormidas anos a fio! Pão vivo, e não mensagens mortas, é o que produz novidade de vida. O verdadeiro pão alimenta a nova vida e não mantém a velha, com seus costumes, suas fraquezas e suas antigas riquezas. Mc 10:21 **“Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; então, vem e segue-me”**. Pão novo é pão que desce do céu e dá vida ao homem, à mulher, aos jovens, adolescentes e crianças, idosos e deficientes, ricos e pobres, pálidos, índios e negros.

Nosso Deus é Deus de todos os dias, é Deus do “dia a dia” e do dia todo. O propósito de Deus, para mim e para você é diário, não dominical, ou muito menos casual. Jesus nos convida a segui-lo.

Precisamos de alimento novo, Palavra vinda de padeiros responsáveis, de pastores e líderes comprometidos com a qualidade diária do pão que oferecem ao seu rebanho. Visando não só a qualidade da Palavra ministrada, como também a saúde espiritual e a satisfação do rebanho que nunca será seu **“disse Jesus a Pedro: Pastoreia as minhas ovelhas” Jo 21:16.**

XIX

O REMÉDIO PERDÃO

Era domingo, quando fui visitar um jovem de 20 anos, no hospital psiquiátrico em Passos, no noroeste mineiro. A sua mãe estava desesperada e desiludida por inúmeras tentativas frustradas de libertar o seu único filho das drogas. Chegava a pensar em matá-lo com uma arma de fogo que possuía. Mantinha-o internado sempre que podia pelo máximo de tempo possível até sair e logo ser internado novamente. Foi em um desses momentos que aquela mãe, que até então eu pouco conhecia, me procurou pedindo ajuda. Ela não era evangélica, mas acreditava que eu poderia ajudá-la e a pedido dela fui logo fazer uma visita ao seu filho no hospital.

Foi a primeira visita ao Carlos, de várias que se seguiram. Fazia muito calor naquela tarde de domingo. Naquele hospital vivenciei uma situação que me deixou pensativo por muito tempo.

Quando adentrei ao pátio, o movimento de visitantes era grande. Logo fui cercado por cerca de vinte pacientes, homens e mulheres, a maioria com mais de trinta anos. Chegaram muito amistosos e simpáticos se identificando com a minha bíblia que sempre levo em visitas.

Qual a minha surpresa, quando se revelaram todos evangélicos. Em voz alta diziam o nome da denominação a qual pertenciam e alguns citavam o nome do seu pastor, e concluíam dizendo que logo sairiam dali. Eram irmãos e irmãs, inteiros por fora, mas doentes e escravos por dentro.

Enquanto conversava com eles fortalecendo-os em sua fé e esperança no Senhor, me fazia uma pergunta: “o que havia acontecido àqueles irmãos e irmãs, aparentemente saudáveis [saldáveis], para

estarem internados em um hospital psiquiátrico”? Hoje chego a pensar como uma possível causa, serem pessoas não perdoadas, terem em suas almas anzóis esquecidos lançados por parentes, amigos, irmãos e quem sabe algum pastor. Enfermos de alma simplesmente por não terem sido perdoados. Ou talvez depois de magoados, feridos ou traídos não conseguiram perdoar. Quem sabe tiveram as linhas dos anzóis cortadas. Ali não estavam livres nem libertos.

Para muitos hoje fugir da realidade tem sido a resposta para a dor quando a resposta para muitas enfermidades é simplesmente o perdão. Em Tiago 5.16 vemos de uma forma clara, a associação da cura pela confissão e perdão, **"Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados"**.

Por volta de 1975 ainda quando adolescente, conheci alguns irmãos índios da Ilha do Bananal. Entre eles alguns índios Terenas. Na época eles estavam ajudando o Centro Lingüístico Americano, na tradução do novo testamento para algumas línguas indígenas. Aos domingos tínhamos o prazer de recebê-los na Escola Dominical da nossa igreja. Qual é a criança que não para ao ver um índio, principalmente se estiver vestido para dia especial? Cocais enfeitando a cabeça, orelhas, lábios e nariz perfurados com paus ou passadores. Adornos especiais, orgulho de uma raça que resiste em sobreviver. Adornos para eles, mas para nós símbolos dos anzóis que neste livro representam [para nós] pecado, prisão e morte. Talvez você conheça alguém que tenha algum anzol preso em seu coração. E que, pelo passar do tempo, ou talvez pela dureza do coração, transformaram-no em adorno. Anzóis, que em vez de serem alvos de uma luta espiritual por libertação e perdão, são usados como instrumentos de chantagem emocional ou orgulho de ter alguém preso emocionalmente em suas mãos. E acredite, infelizmente há muitos casos assim em nossas igrejas.

É triste ver pessoas usando sua própria dor ou explorando a dor de outra pessoa de não ter sido perdoada, escondendo ou manipulando sentimentos que não só impedem a cura como desenvolvem em meio à comunidade relacionamentos baseados na mentira, hipocrisia e na fraqueza de outrem. Nesse tipo de relacionamento não há amizade sincera, nunca se experimentará o prazer da verdadeira comunhão.

Precisamos estar atentos às máscaras produzidas pela pregação de um evangelho inoperante. Centralizado nas necessidades do

homem não na Palavra regeneradora de Deus. Tais pessoas são geradoras de enfermidades na igreja, e alguns não sabem disso e precisam saber.

Ser discípulo de Jesus é ter que viver na prática do Evangelho pregado por Ele. Aprender a perdoar é simplesmente uma questão de obediência em amor e não somente prestar caridade ou favor a quem quer que seja. Quantos crentes que se dizendo maduros não correspondem corretamente no momento em que são exigidos na prática do perdão.

Desculpar e não perdoar é uma prática comum no seio da igreja, por isso, vemos hoje, tantas irmãs e irmãos presos uns aos outros pela dor e não pelo amor. Marcados em sua caminhada, prejudicados em seu crescimento espiritual, comprometidos no exercício de seus dons, e no frutificar de sua fé. Simplesmente pela falta de amor, coragem e humildade em dizer: eu errei, me perdoe, ou eu te perdôo. Como já disse: “o tempo não cura tudo e nem tira anzóis”.

É preciso parar de apontar para tantos lugares, caminhos e estratégias, como respostas para alcançar a libertação de um pecado cometido ou sofrido. O caminho é tão somente arrependimento e perdão, é tirar o anzol, ou mesmo deixá-lo ser retirado. Em vez de pescador descuidado ser um instrumento de cura nas mãos de Deus.

CONCLUSÃO

O mundo evoluiu e esta afirmação, com certeza, é um dos orgulhos do homem pós-moderno e creio que a igreja deva se adequar a seu tempo. Contudo, não podemos abrir mão de alguns marcos antigos. Provérbios 22:28 "**Não removas os marcos antigos que puseram teus pais**". Nada justifica desfigurarmos a mensagem do Evangelho, subtraindo princípios para alcançarmos o homem sem Cristo bem como satisfazer ao cristão moderno quando este se mostra voltado a seguir o seu próprio coração, buscando suprir os seus instintos mais naturais à custa da santidade operada pelo Espírito Santo.

Acredito que hoje poucos pregadores estão atentos aos sinais proféticos do nosso tempo. Carecemos hoje dos efeitos permanentes manifestos por uma palavra contundente que penetre juntas e medulas. Palavra que arranque do comodismo, do egoísmo e do pecado, multidões de cristãos escravos do mundo material. Não estão reservando azeite nas lamparinas no aguardo do seu Senhor.

Conscientes disto ou não, muitos de nós líderes podemos estar trocando Verdade por estabilidade. A perseguição, a rejeição por amor à Palavra, não faz mais parte dos planos da maioria dos líderes cristãos já há algumas décadas. Casa, salário, posição social, estabilidade da família tem levado muitos pregadores a abandonarem o caminho estreito da entrega para seguir pelo caminho da concordância, do faz de conta.

Recentemente um pastor me perguntou quem pagaria as contas? Com isso hoje, o que tem determinado a saúde espiritual em muitas igrejas, não é o amor dispensado ao próximo, liberdade de operação dos dons, autoridade espiritual, pureza ou a alegria manifesta pela lavagem da Palavra. São ações e manifestações que em muitos casos não têm garantido efeitos duradouros após o término do culto.

Podemos mudar, sim, devemos mudar, mas não nos esquecendo de perdoar, de amar, de se arrepender, de evangelizar, de dizer errei, te perdô, eu te amo.

A ordem de Deus para a sua Igreja é fazer de homens naturais verdadeiros discípulos, não só adoradores, a esses o próprio Pai procura. **“os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores”**. Jo 4:23

Adoração é fruto de experiência de vida com Deus e com a sua Palavra na união do Espírito Santo. Adoração é resposta, não caminho, pois o único caminho é Cristo, o Logos de Deus.

Talvez, você esteja pensando, não será exagero do pastor Paulo? Se você analisar com cuidado, verá que não. Muita da frustração que grande número dos cristãos hoje sente, mas não consegue diagnosticar com precisão, é com certeza, em muitos casos, por não estar ouvindo toda a Verdade, ou tudo que precisa ouvir. Ouvir a verdade sobre si mesmo e sobre o propósito de Deus para cada vida.

Precisamos hoje de homens, mulheres de Deus que não só mostrem o caminho para as bênçãos, mas trate de temas que quebrem, pelo poder da Palavra, o engano, o velho e o podre, para que nasça o novo, o sadio e o verdadeiro.

Nestes dias, onde o anonimato é fator de segurança, muitos adentram nossas igrejas e saem sem serem percebidos, assistem ao culto e se vão sem serem notados. O apelo que levou essas pessoas a entrarem na igreja não inclui relacionamento e muito menos discipulado. A maioria está atrás de sinais e promessas e mais promessas. A estratégia percebida é criar um clima otimista, triunfalista. Se for artificial pouco importa, para muitos "os fins tem justificado os meios".

Um dos maiores desafios da Igreja desse tempo pós-moderno será fazer com que ela volte a trilhar "o Caminho", ao partir do pão, às orações, ao temor do Senhor, aos milagres e sinais que acompanhavam aqueles que creram, onde os relacionamentos eram desenvolvidos todo o dia e de casa em casa.

Muitos templos modernos têm assumido um papel de verdadeiras cidades-refúgio para cristãos fugindo da realidade que os cercam, muitos fugindo de si mesmo, pessoas procurando algo que os alivie das consequências inquietantes e sufocantes do medo da morte e dos pecados não confessados.

Quando alguns soldados do templo foram incumbidos de prenderem a Jesus, ao voltaram sem ele, a resposta dos soldados foi que a Palavra que eles ouviram foi tão impactante que eles não puderam prendê-lo, Jo 7.45,46 **“Por que não o trouxestes? Responderam eles: Jamais alguém falou como este homem”.**

Devemos orar e suplicar a Deus que nos dê a graça de falar da Palavra com o mesmo amor, intensidade e verdade que não só alcance os corações, mas que também os transformem em corações amorosos, fiéis, prontos a se arrependerem e perdoar, corações de verdadeiros discípulos.

O Discipulado de Excelência é hoje fundamental para a própria sobrevivência do cristianismo. Quando Jesus deixou como missão a ordem de ir e fazer discípulos não pensou só no aspecto expansionista da missão, mas também na preservação dos ensinamentos da sua Palavra quando disse **"ensinando-os a guardar"**.

O Evangelho não é uma religião, é antes uma revelação de amor e de perdão de Deus para com o mundo por Ele criado, revelação vivenciada e transmitida de maneira plena pelo relacionamento pessoal entre Jesus e qualquer um que crê. Na busca desse relacionamento Jesus buscou de maneira incansável estar entre aqueles que precisavam ouvir sua mensagem de libertação e salvação. Acredito que o discipulado continua sendo o método mais eficiente para a formação de discípulos, discípulos que tenham as características do seu mestre, discípulos que também saibam perdoar.

João 8:36 “Se, **pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres**”. Aquela linda borboleta amarela voou livre naquela fria manhã de junho, saiu voando por cima do muro do seminário. Acredito que polinizou muitas flores antes da sua morte natural, vida gerando vida, fruto da liberdade, dom de Deus para ela, para mim e para você.

A Epístola aos Gálatas tem sido corretamente intitulada de Declaração de Independência Cristã. Por outro lado, mostra a nossa completa dependência de Deus. Nos dias de Jesus em que a escravidão continuava sendo largamente praticada, tal mensagem veio fortalecer a fé na liberdade espiritual que haviam experimentado os que creram em Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Paulo escrevendo àqueles novos convertidos diz: **"Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão"** Gl 5.1.

Creio que o perdão é fundamental para nos manter livres de dominação humana, mundana e demoníaca, para tanto o conselho do apóstolo é **"permanecer firme..."**, vigiando em todo tempo, pois Satanás anda ao derredor procurando a quem possa novamente escravizar. O ensino doutrinário como vimos em todo livro, é fundamental para solidificar essa liberdade comprada a um grande preço.

Com certeza, muito ainda precisamos aprender sobre o perdão, que aqui não tratamos. A você peço que me perdoe se por acaso toquei em alguma ferida que ainda dói, mas, com certeza, após ter lido esse pequeno livro, você terá uma boa oportunidade de ser curado e definitivamente liberto pelo bálsamo do perdão, bastando servir a Deus com o dom divino de perdoar ou aceitar com humildade o também ser perdoado (a).

Hoje entendo claramente o porquê da grande importância dada por Cristo ao perdão. Pois tanto a escravidão, enfermidades e morte como a liberdade e vida estão associadas à sua prática.

Guardo um anzol enferrujado, encontrei-o na boca de um peixe que pesquei há alguns anos. Foi um momento de grande alívio soltá-lo e vê-lo nadando livre sem aquele anzol preso a sua boca. Dessa experiência nasceu o título desse pequeno livro.

Desafio você a fazer o mesmo. Na verdade, o preço que temos hoje, como aquela borboleta, é também o preço da liberdade que temos e produzimos em Jesus Cristo.

Que o Senhor de toda consolação nos abençoe e que aprendamos, além de tantas outras coisas, também perdoar, perdoar e perdoar.